UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JANIR COUTINHO BATISTA

PROJETO EDUCORAÇÃO:
Contando novas histórias para a afetividade na escola

Campinas
2008

JANIR COUTINHO BATISTA

PROJETO EDUCORAÇÃO: Contando novas histórias para a afetividade na escola

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2008

JANIR COUTINHO BATISTA

PROJETO EDUCORAÇÃO:
Contando novas histórias para a afetividade na escola

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Janir Coutinho Batista e aprovado pela Comissão julgadora em: 02/ 12/ 2008.

Profa. Dra. Elaine Prodócimo
Orientador

Profa. Dra. Eliana Ayoub
Banca examinadora

Campinas
2008

Dedicatória

Dedico este trabalho a Prabat Raijan Sarkar cuja sabedoria me inspira em cada momento de minha vida e a todos aqueles que acreditam em um ensino mais humano. Pois, o aprendizado se constrói em um eterno contar historia!

Agradecimentos

Agradeço à professora Elaine pela orientação e dedicação ao ensino;
À Faculdade de Educação Física pela contribuição à minha formação;
Ao meu pai pela humildade a mim ensinada;
À minha mãe pela generosidade e amor devotado;
À minha irmã pelos contos e pontos de uma vida Purple;
À Didi pela constante inspiração no trabalho à humanidade;
Ao pintor pela ajuda, prestatividade e carinho nos momentos de trabalho;
À Kris parceira de muitas histórias;
À Padma por me ensinar o amor pela educação;
À Ivani por acreditar em um ensino mais humanizado;
À Sonia e a escola de Cerquilho por crer que a educação é mais que um ensino e sim uma missão;
À professora Ana Paula por despertar as potencialidades de suas crianças;
A todas as crianças que vivenciaram este projeto e que reluzem o brilho das virtudes humanas
E por fim, a todos os corações que participaram desta história...

“Uma educação verdadeira leva a sensação
expansiva de amor por toda a criação”

(P.R. Sarkar)

BATISTA, J. C**. Projeto Educoração: Contando novas histórias para a afetividade na escola**. 2008. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

O título do presente trabalho aponta que, em meio às inúmeras possibilidades de problemas que podemos listar relacionados à afetividade na escola, o projeto Educoração sugere formas de incorporar novos meios de trabalho, abrindo novos canais para o convívio harmônico, contando novas histórias para um drama que, às vezes, se mostra de maneira tão forte. O projeto foi desenvolvido com crianças na faixa etária de 7 a 8 anos em uma escola municipal da cidade de Cerquilho, interior do estado de São Paulo, e teve como objetivo analisar a proposta de forma a observar se suas ações servem como uma alternativa pedagógica para formação afetiva infantil.

Palavras-Chaves: Educoração; formação afetiva; educação escolar.

BATISTA, J.C. **Project Educoração: Counting new stories for affection at school.** 2008. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The title of this work indicates that among many possibilities of problems related to afection at school, the project Educoração suggests alternatives to incorporate new ways of working, opening new doors for the harmonious coexistence, providing new stories for a drama that often seems very sad. The project was developed with children aged 7 to 8 years old of a municipal school in Cerquilho, state of São Paulo, and the goal of this work is to examine the Educoração proposal in order to see if its actions serve as an educational alternative for children affective training.

Keywords: Educoração; affective training, education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Logo do projeto Educoração	25
Figura 2 -	Circulo Mágico – O monstro que roubou o vermelho	32
Figura 3 -	Divulgação do projeto para os pais	37
Figura 4 -	Facilitadora do projeto	39
Figura 5 -	Círculo do Amor	41
Figura 6 -	“Me sinto mais alta e em paz como borboleta”	43
Figura 7 -	Teia do Amor	44
Figura 8 -	Postura de biopsicologia	47
Figura 9 -	Desenhos do monstro	48
Figura 10 -	Ensaio para a narração da história	49
Figura 11 -	Círculo do Amor	51
Figura 12 -	Costura dos Corações Mágicos	53
Figura 13 -	Foto com os Corações Mágicos	54
Figura 14 -	Jornal	55
Figura 15 -	“Eu sou Amor”	56
Figura 16 -	Os personagens desta nova História	63

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
FEF	Faculdade de Educação Física
HTPC	Horário Curricular de Trabalho Pedagógico
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação Básica
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 Sobre o enredo dessa história: um pouco do contexto da afetividade na escola 13

2 Autores e teorias: a temática que sustenta a história 19

2.1 A Dimensão Afetiva 19

2.2 Afetividade e Educação Escolar 22

3 A proposta: o *script* dessa História 25

4 Um método de trabalho para a montagem dessa história 29

4.1 O contato com o novo enredo 31

5 Ensaio para uma nova história: o primeiro contato 33

5.1 O cenário e seus personagens 34

5.2 De olho nos bastidores: a entrada e saída de aula 35

5.3 O interlúdio, momento de intervalo 35

5.4 Divulgando e conhecendo os pais 36

6 Os atos de uma nova história 38

6.1 Primeiro Ato 38

6.2 Segundo Ato 42

6.3 Terceiro Ato 45

6.4 Quarto Ato 48

6.5 Quinto Ato 49

6.6 Sexto Ato 50

6.7 Sétimo Ato 52

6.8 Oitavo Ato 54

6.9... A continuidade 58

7 Depois da estréia: os ruídos dos bastidores 58

8 Desfecho dessa história...sem fim... 61

Referências Bibliográficas 63

Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido para os pais 66

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido para os funcionários 67

1 Sobre o enredo dessa história: um pouco do contexto da afetividade na escola

Passamos hoje por uma crise na educação[1], na qual os problemas que configuram este complexo cenário são inúmeros, seja pela a falta de capacitação dos educadores e ausência de um planejamento curricular flexível e atualizado, seja, pela carência de uma integração com a sociedade e fraco comprometimento social da escola com a comunidade. As pilastras que sustentam esta crise no sistema educacional estão estabelecidas pelas arcaicas técnicas pedagógicas de avaliação e classificação que geralmente privam o potencial criativo dos alunos, seja pela não motivação dos envolvidos no processo educativo ou pela ausência de uma sensibilidade que valorize um ensino mais humano. Pela desmotivação ou desinteresse pela escola, os alunos passam a ser adjetivados de diversas formas: baderneiros, bagunceiros, arruaceiros, indisciplinados e muitas vezes são tidos como hiperativos ou com problemas de déficit de atenção. Na maioria dos casos esta caracterização ocorre de forma precipitada, antes mesmo da contextualização do quadro educacional e da reflexão sobre a formação afetiva e humana de nossas crianças.

Assim sendo, cabe aqui a seguinte pergunta: poderá um projeto pautado na formação afetiva auxiliar no aprendizado das crianças e contribuir para um sistema educacional mais adequado à formação humana?

Embora não seja o foco deste trabalho uma análise detalhada da situação do sistema educacional, acredito que seja necessária uma explanação sobre o contexto da educação, com a intenção de fomentar discussões para a reflexão sobre a formação afetiva, a qual ainda parece não ser valorizada nas escolas. Ao meu ver, este fato é responsável por inúmeros problemas nas instituições de ensino, daí a estreita ligação compreendida entre os dois temas, a qual sustenta o objetivo principal deste trabalho que foi analisar, em uma determinada sala de ensino fundamental, um projeto que tem por finalidade a formação afetiva.

Sabemos que vivemos em uma "sociedade intensiva do conhecimento" (DEMO, 2005, pág. 7), na qual a velocidade das informações se renova de forma incontrolável e o conhecimento

---

[1] Para mais informações a respeito deste tema consultar: ARENDT, H. **A crise na educação**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

de ponta tornou-se o passaporte para viver neste momento histórico. No entanto, esta situação apresenta um quadro contraditório. Ao mesmo tempo em que este conjunto de saberes exige um ensino mais especializado, fruto do mercado profissional, ele precisa se firmar frente às arcaicas estruturas que sustentam as escolas e suas metodologias de ensino que não acompanham o acelerado ritmo das inovações tecnológicas. Esse caráter ambivalente compõe um dos fios da complexa teia do cenário da educação.

Frente a este quadro inicial, a formação afetiva deve aprimorar os sentimentos e emoções, que tendem a se tornar embotados neste processo, já que estes podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento dos alunos. As crianças precisam de um ambiente onde satisfaçam suas necessidades emocionais e desenvolvam a empatia com aqueles que as rodeiam para que estabeleçam relações afetivas saudáveis. Wallon[2] (1989) acredita que a dimensão afetiva também é um aspecto do desenvolvimento que deve ser trabalhado, pois está relacionado com o desenvolvimento integral da criança. No entanto, hoje ocorre um prejuízo na dimensão afetiva da ação pedagógica visto que os currículos de ensino priorizam o desenvolvimento cognitivo e refletem a competitividade do conhecimento, abandonando o desenvolvimento de outras capacidades dos alunos.

Entendo que numa época em que se prezam valores como a qualificação individual e a competitividade, não há arquétipo mais sólido para representar nosso modelo educacional senão a simbiose ocorrida entre a educação e a estrutura neoliberal. Uma junção que permite aos sistemas econômicos determinar os conteúdos de ensino, dotando-o de técnicas e transformando os alunos em sujeitos repletos de informações e preparados para enfrentar um mundo competitivo e especializado (CAVALLET, 2000). Estas colocações preliminares apontam que as escolas não atuam levando em conta a importância da formação afetiva necessária para a construção de uma sensibilidade requerida para o desenvolvimento de um ser humano dotado de competências sociais[3]. (ASSMAN, 2000).

Devido ao paradoxo estabelecido entre os condicionantes externos e a atuação da escola, não se sabe ao certo o papel da educação no tocante aos seus verdadeiros objetivos. A dicotomia estabelecida entre o "ensino para o trabalho" e o "ensino para vida" pode ser observada em nossas crianças, refletindo a confusão e muitas vezes a desmotivação para a aprendizagem

[2] Sua teoria será apresentada em capitulo próprio.
[3] Estes conceitos serão melhores desenvolvidos no capitulo de Revisão Bibliográfica sobre o tema.

(CAVALLET, 2000). Conforme os índices do SAEB[4] (INEP, 2004), a grande preocupação se encontra na baixa aprendizagem observada na educação básica.

Cabe aqui uma ressalva, visto que estes índices não consideram os fatores sócio-econômicos que afetam este resultado. Além disso, é possível afirmar que os diagnósticos dos problemas da aprendizagem muitas vezes colocam a falha nos alunos, subordinando a eles a falta de interesse e a ausência na escola como fatores indicativos destes resultados. Colocar o foco nos alunos somente mascara a estrutura frágil do nosso sistema educacional uma vez que grande parte dos problemas educacionais não provém somente deles e dos profissionais envolvidos no processo, mas também da instituição educacional, das condições socioeconômicas e políticas que a envolvem. Uma complexa rede que implica no modo como a escola deve se portar frente às exigências do mercado, desta maneira, educando para a informação da aprendizagem técnica que é a norma disciplinar requerida pelo nosso modelo de mundo.

> Não saber lidar com todo o volume de informações que recebemos não somente causa distúrbios psicológicos, mas também pode ter impacto significativo na saúde.
> Em 1996, a *Reuters Business Information* realizou uma pesquisa com 1300 pessoas de diferentes locais, como Estados Unidos, Reino Unido, Hong Kong e Cingapura sobre a sobrecarga de informações. Entre outros resultados:
> - 49% reconheceram que freqüentemente não sabiam lidar com a quantidade de volume de informações que recebiam todos os dias;
> - 38% disseram que perdiam um tempo significativo tentando identificar informação útil no grande volume de informações recebidas;
> - 31% reclamaram que recebiam muita informação não-solicitada.
>
> Essa interessante pesquisa, intitulada *Dying for Information*, foi analisada pelo psicólogo David Lewis, que chamou de *síndrome da fadiga de informação* os efeitos físicos, psicológicos e sociais da sobrecarga de informações sobre um indivíduo. Alguns desses efeitos são: estresse, tensão, distúrbios de sono, problemas digestivos, dificuldade de memorização, irritabilidade.(WADDIGTON, 1998).

Nos últimos tempos, as relações humanas tem sido profundamente afetadas pelo avanço tecnológico, pelas novas descobertas científicas, pelo aumento da velocidade e pelo excesso de informação, como nos aponta o excerto anteriormente citado. Com todo o frenesi desta época não podemos deixar de apontar os efeitos que os meios de comunicação causam sobre as crianças, massificando o conhecimento e fazendo com que elas deixem de exercer reflexões fundamentais para a vida e o desenvolvimento humano. O rádio, os jogos virtuais, a TV e outras mídias utilizam-se de seu potencial comunicativo como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que

[4] Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, coordenado pelo Instituto de Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP). Para realizar esta avaliação são utilizadas provas pelas quais é determinado o nível de desempenho dos alunos em diferentes disciplinas e séries; e questionários contextuais para alunos, turmas, professores, diretores, funcionários pelos quais são avaliados os fatores associados a este desempenho.

propositalmente produzem. Os filmes de animação além de habituar os sentidos a um novo ritmo, inculcam a verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, assumindo o papel de acelerar o ritmo do conhecimento e do aprendizado.

Em virtude dos constantes ataques que as crianças sofrem pela influência da mídia, estas não encontram na escola o mesmo conjunto de estímulos que estes meios de informação lhes proporcionam. Assim, pode-se indagar como é possível absorver o conhecimento frente a tradicional estrutura escolar, uma vez que as crianças estão cada vez mais acostumadas com um ritmo acelerado de captação de informação. Como falar de afetividade quando elas são bombardeadas pelo sadismo contido nos programas televisivos, pela agressividade observada nas reportagens dos telejornais e pela violência dos jogos de vídeo game?

Estamos em um momento histórico em que os seres humanos alcançaram uma fase evolutiva na qual a capacidade de aprender e conviver estão se transformando numa rapidez nunca vista (ASSMAN, 2000). E quase tudo isto com suporte das novas tecnologias que permitem, entre outras características, a contração do tempo[5].

Toda esta conjuntura gera os reflexos no âmbito escolar, os quais podem ser observados na relação muitas vezes distante entre aluno e professor. A falta de laços afetivos que dão suporte ao desenvolvimento integral do aluno fragiliza a estrutura escolar reproduzindo as mazelas vivenciadas fora da escola sobre a influência dos meios de comunicações.

Saltini (1997, p.91) faz uma reflexão interessante para tratar desta problemática quando diz que:

> As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Por isso, acredita ele, a educação deve ser pensada não através de suas diversas disciplinas, mas, principalmente, como meio de promover a própria vida. Por esta razão, além de pensar o lugar do aluno no sistema educacional e a ação que os agentes externos exercem sobre seu aprendizado, é importante também situar o professor nesta rede. Vejo que os professores são os responsáveis por organizar e preparar o universo de busca e interesse, despertando nos alunos a curiosidade ao aprendizado. Desta forma eles precisam de meios para convidar os alunos ao ato da aprendizagem.

---

[5] Esta discussão pode ser encontrada na obra de David Harvey, "A condição pós-moderna". São Paulo: Loyola, 1994

A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que, em cada idade, diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo. Como aponta Rubem Alves (1994), educar tem tudo a ver com sedução. Assim sendo, o professor tem que procurar uma forma de ensinar que esteja em sintonia com o prazer de apreender, uma vez que a aprendizagem deve ser um constante encantamento. Para isto devemos olhar nossas crianças e buscar nelas a formação de laços afetivos, já que a escola é, na maioria das vezes, o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança. No modelo vigente, ela ainda é a base da aprendizagem, condição que exige dela o oferecimento de um ambiente no qual as crianças sintam-se seguras e protegidas.

Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado no ambiente escolar e, conseqüentemente, no social, é necessário que se estabeleçam relações interpessoais positivas e desenvolva o potencial da empatia, as quais possibilitam o sucesso dos objetivos educativos.

> Educar é, fundamentalmente, criar condições para acessos a experiências de aprendizagem. O fruto da educação não pode resumir-se a alguns saberes formalizados (...) Portanto, não basta a disponibilidade funcional e burocrática da educação (o mero acesso a escola). (ASSMAN, 2000, p. 286).

Segundo o autor, não basta a experiência com a aprendizagem oferecida como uma lição formalizada, mas também o envolvimento pessoal que transmita a paixão pelo aprender e pelo buscar seu sentido na vida. Logo, vejo na afetividade a ponte de comunicação entre a aprendizagem e o desenvolvimento humano. E para isto, se faz necessário que o professor se desprenda das velhas concepções e busque aquelas que contribuam para a formação integral do aluno.

Passamos por um momento de flexibilidade do ensino, de aceitar novas idéias do ato de comunicar, de compartilhar e buscar a compreensão daquilo que circula como informação. Por muito tempo as escolas vêm acompanhando o ensino baseado no positivismo da ciência[6], porém vejo que as crianças necessitam de um aprendizado no qual ocorra um envolvimento de forma dinâmica para que possam acompanhar o ritmo atrativo das novas tecnologias oferecedoras de conhecimento. Este é um diferencial da educação escolar, a qual ainda preserva os professores

[6] O positivismo preconiza o emprego de métodos no exame científico, é uma filosofia determinista que atinge as verdades do mundo físico através de métodos experimentais. Logo, o conteúdo escolar é pautado naquilo que pode ser comprovado pela ciência como verdade e esta forma de pensar não estabelece uma visão complexa do problema. Nesta perspectiva, os problemas ambientais estão separados das condutas humanas, que estão separadas das decisões políticas, e assim por diante.

que são capazes de ensinar a beleza e o amor pela aprendizagem e a importância do ato de conectar-se com o outro, favorecendo não só o conhecimento, mas priorizando as relações humanas.

Neste contexto, os professores devem ser capacitados a terem alternativas pedagógicas que trabalhem com a afetividade das crianças e que fortaleçam os laços afetivos entre eles. Estas estratégias contribuem para o desenvolvimento escolar, conforme apontam algumas pesquisas que vêm sendo feitas mostrando a relação entre aprendizagem e a importância do apoio e conforto. Segundo Schore (1994) a cada nove minutos a criança é inibida negativamente, o que ocasiona o que ele chamou de socialização negativa que destrói as conexões neurais responsáveis pela socialização das crianças. O estudo mostrou que após uma negação a criança deve sentir acolhida e amada para preservar a integridade destas conexões e garantir uma boa socialização e aprendizado. Logo, este estudo mostra que a relação aluno e professor deve se pautar em uma relação de carinho em que mesmo os limites e negações não inibam a vida social e aprendizado delas.

Assim, o objetivo deste trabalho não é apenas criticar, mas propor e analisar o desenvolvimento de uma alternativa pedagógica que contribua com o aspecto afetivo das crianças e o fortalecimento das relações interpessoais positivas entre todos os envolvidos na escola. Desta forma, pretendo analisar o desenvolvimento do projeto Educoração[7] realizado na cidade de Cerquilho com crianças de 7 e 8 anos, como uma ferramenta pedagógica que pode auxiliar o professor no processo de aprendizagem não somente no nível do intelecto, mas também no nível afetivo, "do coração". Acreditamos que este projeto pode ser um ponto de partida para as escolas que buscam uma humanização através do ensino.

[7] A explicação do projeto será fornecida em um capitulo próprio.

2 Autores e teorias – a temática que sustenta essa história

Com relação à pesquisa bibliográfica, realizei uma revisão de autores que tratam da formação afetiva, para fomentar as pontes necessárias com as discussões das idéias do projeto. Embora os autores utilizados neste trabalho advêm de correntes filosóficas e epistemológicas diferentes, não me aterei aqui sobre isto, mas sim no ponto que os aproximam em suas teorias sobre a importância da formação afetiva. Recorri a Howard Gardner, Henri Wallon, Hugo Assman, Paulo Freire e Humberto Maturana para o embasamento teórico da proposta em questão.

2.1 A Dimensão Afetiva

Em 1983, em decorrência de sua pesquisa a respeito da natureza da cognição humana, Howard Gardner[8] propôs uma teoria que enfatizava as diferentes e múltiplas inteligências ligadas às diversas potencialidades humanas. Desta forma, apresentou ao mundo cientifico conceitos em torno do termo inteligência, na busca de compreender as potencialidades humanas que variam desde as habilidades musicais e artísticas até aquelas envolvidas no entendimento de si mesmas.

Em sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos possuem como parte de sua bagagem genética certas habilidades básicas em diversas inteligências que não só são determinadas por fatores neurobiológicos, mas também por condições ambientais.

Ele identificou inicialmente oito inteligências que comporiam o ser humano: a inteligência lingüística relacionada ao potencial para apreender línguas bem como sua relação com a escrita e a fala e a utilização da linguagem para atingir certos objetivos. A inteligência lógico-matemática, como sendo a habilidade em analisar os problemas com lógica, realizar operações matemáticas e investigação cientifica. A inteligência espacial relacionada à localização no espaço e também a formulação de um modelo mental e operação utilizando este modelo. A inteligência musical, voltada às habilidades do aprendizado, atuação e composição de padrões musicais. A inteligência corporal-cinestésica como a potencialidade de utilizar o corpo e das

[8] Psicólogo e professor universitário na Universidade de Havard – EUA. É conhecido por sua teoria sobre as inteligências múltiplas.

memórias do mesmo. A inteligência naturalista entendida como a habilidade de compreender o meio ambiente e entender seu funcionamento.

Além destas, o autor propõe duas outras inteligências ligadas ao indivíduo, a inteligência interpessoal relacionada ao poder de compreensão das intenções, motivações e desejos do próximo e a inteligência intrapessoal, como a potencialidade de formar um modelo verídico de si mesmo e utilizá-lo para operar de forma efetiva na vida.

Gardner (1995) postula que essas competências intelectuais são relativamente independentes, tendo origem e limites genéticos próprios. Segundo ele, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que as mesmas se combinam, e se utilizam dessas potencialidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos.

> Embora estas inteligências sejam, até certo ponto, independentes umas das outras, elas raramente funcionam isoladamente. Embora algumas ocupações exemplifiquem uma inteligência, na maioria dos casos as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteligências. Por exemplo, um cirurgião necessita de acuidade da inteligência espacial combinada com a destreza da cinestésica. (GARDNER, 1995, p. 35)

Para Gardner (1995), o problema na educação reside no fato de que nossas instituições de ensino apenas ressaltam a importância das inteligências lingüística e lógico-matemática, negligenciando as outras e inibindo o desenvolvimento completo das crianças[9]. Segundo o autor, cada indivíduo tem o predomínio de uma ou mais inteligências e para que as demais sejam desenvolvidas é preciso que ocorram estímulos do ambiente.

Para ele, cada cultura valoriza certos talentos e certas inteligências, os quais devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte. No entanto, é de máxima importância reconhecer e estimular as variadas inteligências e combinações da mesma, pois são elas que conferem a diferenciação de cada um e se valorizarmos todas nossas inteligências e capacidades será possível que todos os indivíduos sejam melhores compreendidos e respeitados.

> Se pudermos mobilizar toda a gama das inteligências humanas e aliá-las a um sentido ético, talvez possamos ajudar a aumentar a probabilidade de contribuir para a nossa prosperidade."(GARDNER, 1995, p. 18)

---

[9] Voltando às idéias trabalhadas na primeira parte do texto, o interesse por estas duas inteligências pode ser justificado se considerarmos que elas geralmente estão ligadas aos interesses pretendidos pelo mercado de trabalho e pelo mundo das informações. Saber operar programas lógicos e informáticos, manejar máquinas, saber falar em público, entre outros pontos que podem garantir "sucesso" na vida profissional.

O autor ressalta que cada indivíduo tem seu próprio repertório de potencialidades para resolver diferentes tipos de problemas e, para a construção integral humana é essencial o desenvolvimento destas inteligências. Logo, a educação e desenvolvimento humano somente se manifestam quando existe espaço para eles.

Por fim, para Gardner as emoções permeiam todas as inteligências e através delas é possível detectar e responder apropriadamente ao meio. Neste processo de comunicação, as inteligências pessoais são extremamente importantes para a compreensão do outro e ideal para a vida social no estabelecimento das relações afetivas.

Seguindo pelo campo das emoções, Henri Wallon[10], em sua teoria, coloca a dimensão afetiva como categoria central no desenvolvimento da criança. Nela, tanto a afetividade como a inteligência do ponto de vista intelectual são tidas como importantes, sendo a primeira fundamental na constituição e funcionamento dessa última, determinando os interesses e necessidades individuais. Desta forma, a afetividade e inteligência constituem um par inseparável para o desenvolvimento psíquico da criança, permitindo que elas atinjam níveis de aprendizado cada vez maiores (TAILLE; DANTAS e OLIVEIRA, 1992).

O autor francês acredita que a afetividade não é apenas uma dimensão da pessoa, mas se constitui desde muito cedo pelas relações afetivas com o ser adulto. Para ele, a partir do nascimento as reações orgânicas são dadas pelas emoções. Segundo a concepção walloniana, enquanto a criança não tem o domínio da palavra é através da relação afetiva que o contato com o meio é estabelecido. Posteriormente, quando ocorre o domínio verbal, os laços afetivos se dão através da fala. No entanto, o autor defende a idéia de que a afetividade não é orgânica ao indivíduo, mas que se desenvolve com as interações sociais que são exercidas. Portanto, para que ocorra o desenvolvimento da criança se faz necessário o aprimoramento no domínio afetivo (WALLON, 1989).

Trilhando este pensamento, o autor coloca que a afetividade na criança diferenciou-se em resposta ao meio e a vida racional desenvolveu-se. Ambas, afetividade e inteligência estão misturadas ou se influenciam mutuamente. Porém, para o bom funcionamento da segunda deve haver um bom desenvolvimento da primeira. O autor ainda ressalta que tanto a afetividade quanto

---

[10] Filósofo, político e médico francês tornou-se bem conhecido por seu trabalho sobre a Psicologia do Desenvolvimento, devotado principalmente à infância.

a inteligência não aparecem prontas, mas que ambas se desenvolvem ao longo da vida social da criança.

Em sua abordagem, o desenvolvimento da criança é visto como uma construção progressiva em que as fases afetiva e cognitiva se sucedem alternadamente. Sendo assim, o aprimoramento emocional e intelectual não só depende do meio, mas também da maturação das estruturas biológicas as quais o autor separa em estágios de desenvolvimento.

O primeiro estágio é considerado como impulsivo-emocional, em que as emoções orientam as primeiras reações frente às pessoas a sua volta; o segundo estágio denominado sensório-motor e projetivo é dado pelo interesse da criança na exploração sensório-motora do mundo físico. No estágio seguinte, o personalismo, a tarefa central é o processo de formação da personalidade e a construção da consciência de si ocorre por meio das interações sociais, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. O próximo é o estágio categorial, no qual os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, conferindo uma predominância do aspecto cognitivo. Por fim, na adolescência, surge a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, trazendo à tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade.

Concluindo, quando compara-se as obras de Wallon e Gardner observa-se que os autores se distanciam do ponto de vista científico no momento em que o primeiro defende a idéia de que a emoção é propulsora da inteligência enquanto o segundo trata que a emoção influencia todas as inteligências, mas é distinta delas. No entanto, para o objetivo deste trabalho o importante é que ambos os autores enfatizam a necessidade do desenvolvimento afetivo para a construção da criança e de uma melhor relação dela com a sociedade.

2.2 Afetividade e Educação Escolar

Para Humberto Maturana[11] (2004), o ato de educar constitui um processo em que a criança ou o adulto convivem com o outro e, ao conviver com o outro, se transformam

[11] Biólogo chileno, junto com Francisco Varela foi o criador da teoria da autopoiese (um sistema que cada ser vivo tem de estar constantemente se autoregulando) e um dos propositores do pensamento sistêmico que aborda uma visão de um todo integrado contrapondo o pensamento reducionista – mecanicista.

espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência.

Nesta perspectiva o ato de educar ocorre de forma recíproca, no qual os laços afetivos entre professores e alunos são chaves para um melhor espaço de aceitação, facilitando o desenvolvimento da criança e da comunidade como um todo. Para o autor a educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e como sistema de formação da criança e do adulto tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. Seguindo este raciocínio, uma base educativa no âmbito afetivo bem construído trará bagagens necessárias para o desenvolvimento humano da criança no meio em sua volta.

Maturana (2004) ainda diz que existem dois momentos cruciais nos quais a educação se mostra de extrema importância para a formação humana do indivíduo – a infância e a juventude. Para ele, nestes períodos a criança vive o mundo de possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar ao outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma.

> A idéia de um mundo em que as crianças cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam num espaço de convivência em que os outros os aceitam e respeitam é a base de qualquer instituição educativa. (MATURANA, 2004, pág.35).

Desta forma, as escolas não devem permitir que ocorram espaços discriminatórios dos sujeitos nela envolvidos. Em outra direção, deve buscar alternativas para o desenvolvimento do respeito e empatia entre todos os envolvidos, pois uma criança que "não se aceita e não se respeita não tem espaço de reflexão, porque está na contínua negação de si mesma e na busca ansiosa do que não é e nem pode ser".(MATURANA, 2004).

O autor explica que o amor é central na convivência humana, e as ações que constituem o outro na realização do ser social se afirmam tanto na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. Para ele, o amor não é um sentimento, mas é um domínio de ações nas quais o outro é constituído como legítimo na convivência.

> A responsabilidade surge quando nos damos conta de se queremos ou não as conseqüências de nossas ações; e a liberdade surge quando nos damos conta de se queremos ou não nosso querer, ou não querer as conseqüências de nossas ações. Quer dizer, responsabilidade e liberdade surgem na reflexão que expõe nosso pensar (fazer) no âmbito das emoções a nosso querer ou não querer as conseqüências de nossas ações, num processo no qual não podemos nos dar conta de outra coisa a não ser de que o mundo em que vivemos depende de nossos desejos. E a educação deve levar a cônscia de que somos co-criadores do mundo que queremos viver. (MATURANA, 2004, pág.56).

Para o autor, devemos educar para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar do meio em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar o outro e aceitá-lo para a construção dos mais diversos aprendizados.

Seguindo a mesma linha de pensamento, sobre a importância de um ensino mais humanizado em que aluno e professor construam o aprendizado a partir do respeito e aceitação, Paulo Freire (2006) introduz a idéia de uma pedagogia da autonomia a qual explica a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando. Ele enfatiza a necessidade do respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico. Nesta perspectiva o ato de educar está além do puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.

O professor "forma se forma e re-forma ao formar" (FREIRE, 2006, p.25), desta maneira o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como a aprendizagem não é algo apenas de aluno. Não significa que o professor seja superior ou dotado com melhores capacidades porque domina conhecimentos que o educando ainda não domina, mas é, como o aluno, participante do mesmo processo da construção da aprendizagem. Entretanto, o autor não descarta a autoridade do professor em relação aquilo que é ensinado e ele coloca em sua análise a necessidade do rigor metódico e intelectual que o educador deve desenvolver através da pesquisa e da curiosidade em buscar saber e assimilar de forma critica o conhecimento.

> O educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica. (FREIRE, 2006, p.63).

Ensinar é algo profundo e dinâmico que requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador e enriquecedor, e acima de tudo o respeito à autonomia e dignidade do aluno. Desta forma, faz-se necessário que o docente proporcione momentos de experiências e buscas e que a escola sirva como meio e forma para transformações sociais, capacitando os alunos para estarem conscientes de sua importância na sociedade e não serem apenas meros reprodutores das ideologias dominantes. Para ele, não é possível que o bom professor seja completamente

apolítico, dado que estará expondo suas opiniões e ensinando muitos conceitos baseados em sua visão de mundo.

Por fim, o autor nos mostra a importância de estimular a capacidade criadora dos alunos e confiar nas relações afetivas que se estabelecem e que o professor descarte como falsa a separação entre seriedade docente e afetividade.

Dialogando com os autores acima, Hugo Assman[12] (2000) explana sobre a necessidade de uma re-aprendizagem no convívio e nas relações sociais. Para ele, a educação deve ser responsável pela formação de competências sociais mais solidárias, com destaque para a importância da dignidade humana. O pressuposto da educação é o de capacitar o aluno para a liberdade através de uma educação fundamentada em que as competências apreendidas sejam válidas para as relações sociais.

O autor aponta o papel da educação como veículo de integração ou inclusão da massa dos excluídos, enfatizando a valorização da sensibilidade, o reconhecimento das diferenças, a empatia e a esperança como partes da condição humana e indispensáveis para o reconhecimento mútuo. Desta forma, aborda a questão da complexidade da sociedade e sua relação ética com a individualidade, apontando para a necessidade de uma educação solidária como resolução ao problema.

Assman (2000) discursa também sobre as mudanças educacionais necessárias para uma escola solidária. Ele afirma que a competição substituída pela solidariedade e cooperação no campo econômico é a condição necessária para que essa sociedade com a qual sonhamos e desejamos possa existir e para que o reconhecimento do outro seja desenvolvido é preciso resgatar as relações de solidariedade e cooperação. Desta forma, "precisamos desejar um desejo diferente, olhar o ser humano de um modo distinto e pensar com uma razão diferente". (ASSMAN, 2000, pág.87)

Para o autor, se faz necessário a percepção sistêmica da realidade social para que se desenvolva uma solidariedade ativa, a qual seja capaz de fazer uma renovação profunda na educação. Portanto, a escola deve adaptar-se ao mundo de hoje não esquecendo os fundamentos éticos e solidários para reorganizar-se em prol das mudanças que o mundo exige e na construção de uma teoria de "Sensibilidade Social" (ASSMAN, 2000). O pensamento solidário deve

[12] Teólogo e sociólogo brasileiro que desenvolveu uma importante obra sobre a Teologia da Libertação (linha filosófica que discursa sobre a situação social humana).

envolver a todos que estão no campo da educação, estabelecendo cuidado com os novos riscos de discriminação e desumanização do ensino.

> Só onde a educação se omitir o desastre humano pode tornar-se irreversível (ASSMAN, 2000, pág. 118).

3 A proposta – o s*cript* dessa história

Figura 1 – Logo do projeto Educoração.

O Educoração é um projeto de cunho educacional, destinado ao público infantil e desenvolvido pela antropóloga e psicóloga Susan Andrews[13] em conjunto com educadoras ligadas ao Instituto Visão Futuro[14]. O projeto há quinze anos vem sendo trabalhado e desenvolvido, no Centro Educativo Espaço CreSer, localizado no referido instituto, e teve origem na necessidade de criar uma alternativa pedagógica pautada no desenvolvimento integral da criança, utilizando-se da afetividade como foco norteador no aperfeiçoamento de suas diversas capacidades e inteligências, pois segundo Taille; Dantas e Oliveira (1992), a afetividade aparece como a primeira manifestação do psiquismo que impulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social. Desta forma o aprimoramento intelectual é garantido pelos vínculos estabelecidos pela consciência afetiva.

O Educoração conta ainda com material didático: livro, CD e DVD que sistematizam a dinâmica do Círculo do Amor o qual se trata de uma roda de afeição com canções e movimentos

[13] A idéia partiu do contato da pesquisadora com as técnicas de ensino orientais, em sua viagem a Índia. A base psicológica do Círculo do Amor foi idealizada pelo filósofo indiano Prabat Raijan Sarkar com o objetivo de trabalhar a alfabetização emocional dos alunos.

14 Localizado na cidade de Porangaba, interior de São Paulo, o Instituto Visão Futuro é uma fazenda ecológica pautada em modelo de autosustentabilidade e padrões ecológicos. Possui cerca de 50 funcionários e para seus filhos e as crianças do bairro foi desenvolvido o espaço CreSer.

criativos, exercícios de biopsicologia[15] e histórias que despertam nas crianças a sensação de união com o meio. Além disso, o projeto se propõe a restaurar os laços afetivos de modo a ajudar as crianças à "abrirem seus corações".

Vale ressaltar que o espaço onde o projeto é desenvolvido difere de outras instituições educativas por situar-se em uma fazenda ecológica que possui uma boa estrutura para o atendimento das crianças, além de estar circundada por uma exuberante natureza. As crianças são da comunidade local e filhos de funcionários que trabalham no Instituto Visão Futuro, têm entre três e cinco anos, e são recebidas de terça a sexta-feira em período integral, das 9 às 17 horas. No entanto, o projeto pode ser desenvolvido com crianças entre 3 e 11 anos.

No Instituto Visão Futuro, todo o aprendizado pedagógico do dia é desenvolvido a partir da proposta do projeto Educoração. O dia inicia-se com as dinâmicas do projeto que duram em média uma hora e meia e durante o dia as crianças desenvolvem diversas atividades relacionadas com as histórias que foram contadas e baseadas na formação afetiva delas, entre as quais: cultivo de horta, preparo da comida, teatro, atividades manuais, costura, entre outras, com a intenção de desenvolver suas múltiplas habilidades e capacidades.

> Bom dia começa com alegria,
> Bom dia começa com amor,
> O sol a brilhar as aves a cantar
> Bom dia, Bom dia, Bom dia!

Antes de iniciar a rotina de atividades, as crianças começam o dia com o Círculo do Amor cantando a estrofe anterior. O dia sempre começa com música, sorrisos e abraços a fim de criar um ambiente de convívio agradável e acolhedor para todos, como sugere Wallon (1989).

As dinâmicas e vivências propostas pelo Educoração foram desenhadas para ajudar as crianças a aprenderem a desenvolver de forma lúdica e divertida qualidades como respeito e empatia. Além de imprimir um clima de amor e alegria pelo decorrer do dia, as vivências do projeto convidam as crianças para sentir a conexão com os amigos, família e com todos com os quais elas convivem. O projeto conta também com brincadeiras de cooperação e vivências em grupo que trabalham com a afetividade, ajudando na socialização da criança.

---

15 Os exercícios de biopscicologia são uma forma natural inspirada em técnicas milenares da ciência do yoga que ajudam a restaurar o equilíbrio hormonal, garantindo uma boa saúde física e mental , ajudando o aprendizado e a afetividade das crianças. Sobre a ciência da biopsicologia, ler SARKAR, P.R. Yoga Psychology. Calcutá: Ananda Marga, 1991.

> Conte uma história, conte uma história, conte uma história para aula começar, Estamos esperando, estamos esperando, conte uma história para aula começar, Era uma vez... Era uma vez...

É nesse clima de magia e leve suspense que a hora mais esperada do Círculo do Amor começa – o Círculo Mágico. Durante os encontros são contadas histórias ao redor de um tecido circular no qual bonecos e cenários ganham vida e ensinam as crianças a importância da conexão com seus corações. Resgatam o poder do amor na relação humana, lembrando da importância das ações positivas, como podemos notar na passagem de uma das histórias contadas, "O monstro que roubou o vermelho":

> Se vocês colocarem bastante amor nos seus corações, e mandarem esse amor para o coração do monstro (...) vocês poderão mudar o coração dele!

Além destas e de outras histórias, no Educoração acontecem "os momentos de compartilhar", uma maneira de desenvolver a empatia e fortalecer os laços afetivos com seus colegas. Durante estes momentos as crianças expressam o que mais gostaram no dia e falam algo sobre elas mesmas, como estão se sentindo. Isto se torna importante para que a criança se sinta ouvida e valorizada e auxilia também na comunicação do professor e da turma com a criança, conhecendo as necessidades de cada um.

Outra técnica utilizada é a meditação, que busca estabelecer o contato da criança consigo mesma, como Gardner (1995) salienta a importância do desenvolvimento da inteligência intrapessoal como forma de "voltar para dentro" e tornar capaz de formar um modelo acurado e verídico de si mesmo e utilizar este modelo para operar efetivamente na vida. Por meio da meditação, as crianças aprendem a concentração e a introspecção, escutando seu coração e tomando mais consciência de si mesmas. No relaxamento final as crianças são incentivadas a manter o estado de paz interior, auxiliando no controle da ansiedade.

> Estamos indo, estamos indo,
> Abraço para ti, abraço para mim;
> Até amanha, até amanha,
> Somos Um, somos Um.

A rotina ao final da tarde termina com a canção acima, provocando a sensação de pertencimento universal e de união entre todos. Desta maneira, amenizando o estigma escolar de lugar hostil e mostrando que as crianças podem ser acolhidas neste ambiente, o Círculo do Amor

tem por objetivo principal contribuir ao máximo para a expressão de seu potencial afetivo, colaborando para uma formação integral do ser humano.

4 Um método de trabalho para a montagem da história

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública, na cidade de Cerquilho, interior de São Paulo, em virtude da parceria feita entre a Secretaria da Educação da cidade e o Instituto Visão Futuro, local onde o projeto foi criado, a qual financiou os gastos gerados para a realização do projeto.

A faixa etária escolhida foi a idade de 7 a 8 anos, devido à opção de trabalho com crianças na fase de alfabetização e por acreditar que este projeto seja aplicável a qualquer sala de aula uma vez que auxilia na formação afetiva dos alunos. Devido à grande quantidade de interessados, realizamos um sorteio para a escolha da escola e esta será mantida em anonimato por preceitos éticos.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa participante, pois ao mesmo tempo em que eu observava os encontros também intervinha junto às crianças. Para a realização da investigação, utilizei critérios qualitativos de pesquisa, e estes se constituíam da combinação de pesquisa bibliográfica e exploratória. Como caminhos metodológicos, desenvolvi observações no local; entrevistas semi-estruturadas com funcionários, diretores, merendeiras e professora, as quais foram gravadas e transcritas. Também, utilizei relatórios feitos após cada encontro por mim e pela professora, além de questionários para os pais, crianças e professora, antes e após a execução do projeto. Com isso pretendo chegar a uma análise da influência do projeto Educoração na formação afetiva infantil a partir da fonte de informações fornecidas pelos dados obtidos, pois como afirma Oliveira (2001, pág. 34);

> "(...) as pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa possuem a facilidade de descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos."

Para a coleta de dados e desenvolvimento do projeto, inicialmente foi realizado um encontro com os pais e participantes da pesquisa onde apresentamos uma cópia do projeto em

questão para que este pudesse desenrolar-se com os devidos cuidados éticos desde a aceitação e assinatura até a realização do mesmo. Além disto, a escola e os pais assinaram um termo para a liberação das imagens dos envolvidos (em anexo).

No total o projeto constituiu-se de 16 encontros, distribuídos ao longo de quatro meses e com a freqüência semanal. Estas intervenções foram realizadas as terças-feiras no período matutino, no início da aula, com a duração de uma hora e meia em que realizávamos as dinâmicas centrais do projeto. Este período compreendia as canções do Círculo do Amor, as histórias, o momento de compartilhar, os exercícios de biopsicologia, a meditação e o relaxamento.

No momento exploratório da pesquisa, realizei observações e entrevistas no local onde o projeto foi desenvolvido e em virtude da grande quantidade de dados que foram obtidos, optei por analisar somente oito encontros seqüenciais dos dezesseis realizados. Este recorte metodológico deve-se ao fato de que com os oito encontros é possível ter uma idéia do projeto em questão, uma vez que as anotações feitas compreendem uma série de argumentos suficientemente interessantes para debater as idéias pretendidas pelo objetivo desta pesquisa.

De todo o material coletado, fiz uma seleção daqueles encontros que trouxeram mais contribuições significativas para a proposta, desta forma, analisei os relatórios meus, levando em consideração meu conhecimento no desenvolvimento do projeto, e os da professora, pelo fato dela conhecer os alunos e porque ela não conhecia o projeto. Estes diferentes pontos de vista foram interessantes para a avaliação do trabalho.

Devido a isto, foram dezesseis os relatos utilizados. Também analisei trechos da entrevista com a professora antes e após os oito encontros; os questionários de alguns alunos e três relatos de visitas realizadas em momentos alheios à rotina do Círculo do Amor: na primeira semana antes da intervenção na escola, na quarta semana e na oitava semana. Nestes dias observei as crianças no intervalo, entrada e saída da aula, pois acredito que estes momentos também fornecem dados importantes em relação à interação das crianças com seus amigos e com a escola.

A produção textual referente a estes relatórios será apresentada em um capítulo próprio e traz as observações feitas por mim nos oito primeiros encontros, em diálogo com os relatos da professora e com os autores que contribuíram para a análise desta temática. Além disso, apresentarei alguns desenhos feitos pelas crianças em atividades específicas do projeto, fotos tiradas e autorizadas segundo o consentimento dos envolvidos, durante o desenrolar das

intervenções e também alguns comentários dos pais que ilustram algumas questões suscitadas neste trabalho.

4.1 O contato com o novo enredo

Em Cerquilho, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer duas histórias[16]. Uma intitulada "O monstro que roubou o vermelho", que conta a história de um monstro e de duas crianças que decidiram resgatar o vermelho e saem em busca do monstro. No desenrolar da história, percorrem caminhos onde encontram obstáculos e seres encantados que as alertam sobre a importância da escuta de seus corações.

A outra história, intitulada "Vovó Graça", narra a vida de uma senhora que sempre fazia o bem às pessoas. Durante uma guerra, as aldeias ao redor do sitio da Vovó estavam sendo destruídas e algumas pessoas foram buscar ajuda em sua casa. Quando os soldados chegaram no sítio da Vovó, não foram capazes de enxergar sua casa, pois estava coberta de folhas em virtude de uma tempestade ocorrida na noite anterior.

> No meio da noite começou uma grande ventania e as folhas começaram a cair (...), mas caíram tantas folhas que o casebre da Vovó ficou coberto e no momento em que os soldados chegaram marchando, passaram em frente ao casebre e só conseguiram ver um monte de folhas jogadas e seguiram em frente.

A história traz como lição à importância da prática de atitudes positivas, conforme indica a canção que finaliza a narrativa.

> Faça sempre o bem,
> Sem olhar a quem
> Jeito sempre tem de amar e ajudar alguém.

Ambas as histórias foram contadas em duas partes, a fim de deixar para a semana seguinte o desfecho da trama. Pela curiosidade em saber o final, as crianças eram estimuladas a pensarem no tema a semana toda. Esta maneira de contar as histórias se mostrou muito interessante, na medida em que prendia a atenção das crianças para as aulas, bem como fornecia material para que a professora trabalhasse com a temática durante toda semana. A bagagem do conteúdo

[16] A história do "Monstro que roubou o vermelho" está disponível na íntegra no material pedagógico: O Círculo do Amor: para abrir o coração por Susan Andrews. A história da Vovó Graça irá compor o segundo livro para o projeto Educoração, que deve ser lançado até o fim deste ano.

afetivo suscitado pelas histórias permitia o trabalho com temas relativos à formação afetiva das crianças: cooperação, ajuda ao próximo, empatia, otimismo, amor, etc. De um encontro ao outro as crianças desenhavam o que elas achavam que aconteceria no final. Esta parte do projeto se mostrou muito importante, consistindo em um grande método para resgatar o interesse das crianças a uma série de assuntos que podem ser trabalhados na sala de aula. No entanto, neste trabalho apenas relatei a primeira historia visto que utilizaremos apenas oito relatos e a segunda historia fora contada após os mesmos.

Figura 2 - Círculo Mágico: O monstro que roubou o vermelho.

Por meio de atividades ligadas às histórias narradas, as crianças desenvolviam durante a semana diversos exercícios que potencializavam as mais variadas inteligências: faziam o bolo da Vovó Graça; desenhavam o monstro que roubou o vermelho, costuravam os corações utilizados para acalmar o monstro, praticavam exercícios de biopsicologia relacionados às histórias. Para cada parte delas, eram desenvolvidos determinados exercícios, com a finalidade de trabalhar aspectos emocionais que influenciam na formação afetiva das crianças.

Passo a passo subindo a montanha
Passo a passo subindo bem alto
Vai, vai, vai até o céu...

Durante a subida da montanha Pedro e Aninha, os personagens centrais da história do monstro que roubou o vermelho, praticavam um exercício de biopsicologia chamado postura da montanha, a fim de ganhar segurança e firmeza para vencer os obstáculos da grande aventura de chegar até o monstro.

Esta passagem, somada a todas as outras atividades propiciadas pela contação das histórias estimulava o trabalho com diferentes sentidos e inteligências das crianças, tornando-se dessa forma uma alternativa e servindo como contraponto à hiperestimulação causada pelo excesso de informações (WADDIGTON, 2004) nos dias de hoje.

É importante salientar que *a priori* não quis saber do histórico de nenhum aluno que apresentasse dificuldade ou que já tivesse "fama" de mau aluno na escola. A idéia era ter um primeiro contato sem classificá-los ou formar qualquer tipo de preconceito com relação a eles. Para, no desenrolar do projeto, conhecer um pouco mais sobre a vida destas crianças a fim de compreender de forma mais integrada cada aluno.

5 Ensaio para uma nova história: o primeiro contato

O primeiro contato com a escola já demonstrava um estado de ansiedade diante um novo projeto que viria mudar a dinâmica escolar, primeiramente de uma sala de aula, e posteriormente, de toda a escola.

Durante quatro meses, às sete e meia da manhã de toda terça-feira, iniciávamos o dia em Cerquilho com o Círculo do Amor e a cada novo encontro trazíamos uma nova história ou atividades relativas aos conteúdos afetivos que queríamos trabalhar.

Com o decorrer do projeto as mudanças foram sendo perceptíveis tanto no comportamento das crianças quanto nos olhares e sorrisos dos funcionários da escola. Os laços de união e carinho foram sendo fortalecidos conforme fora relatado pela professora.

> Durante a semana percebo que as crianças estão se respeitando mais e sempre lembrando umas as outras de falar com o coração... (relato da professora).

Acreditava na proposta trazida pelo projeto, mas não esperava uma mudança na dimensão que fora ocorrido o que atraiu o interesse da mídia local e de outras escolas perante o projeto. Esta circunstância fez com que a Secretária da Educação da cidade pensasse em capacitar os professores da rede para a utilização do Círculo do Amor em suas salas de aula.

5.1 O Cenário e seus personagens

Antes de falar do cotidiano escolar, acho conveniente apresentar a escola. Localizada na periferia da cidade de Cerquilho, interior de São Paulo, a escola atende cerca de 270 crianças no ensino fundamental em dois períodos, manhã e tarde. Sua história é recente, funciona no local onde antes existia uma escola de educação infantil que há dois anos foi transformada em ensino fundamental. Tem uma boa estrutura física com um *playground*, refeitório, ginásio, biblioteca e salas de aula adequadas.

A maioria das crianças que freqüenta a escola é proveniente do bairro vizinho e de acordo com as entrevistas realizadas com os funcionários da escola, em muitos casos, a realidade familiar destas crianças é difícil não só por estarem em um ambiente familiar desestruturado, no qual os pais estão separados e muitas vezes não moram com eles, mas também por conviverem com o tráfico de drogas. Além disso, estão à mercê do bombardeio de informações não produtivas da televisão, na qual assistem a filmes não apropriados (pornôs e violentos), características que tornaram esta escola espaço fértil para o desenvolvimento desse projeto.

Cheguei à escola e fui muito bem recepcionado pela diretora, a qual me mostrou o espaço da escola e me levou para ver a sala onde o projeto seria desenvolvido. Iniciei o dia com uma observação do local bem como das crianças e realizei as primeiras entrevistas com a professora da classe, a merendeira, a secretária, a coordenadora pedagógica, a professora auxiliar e a diretora. No entanto, como descrito anteriormente, irei utilizar apenas trechos da entrevista com a professora devido ao maior convívio dela com os alunos.

Logo pela manhã, a professora da sala escolhida para desenvolvermos o projeto foi a primeira a ser entrevistada. Foi muito simpática e mostrou-se interessada, mas com um certo receio deste projeto vir atrapalhar a dinâmica de suas aulas. Pude perceber nas primeiras palavras o quanto ela ama aquilo que faz. É uma professora do estado de Minas Gerais, que depois de uma estada na cidade de São Paulo mudou-se para o interior e desde o início dedica-se ao apoio das crianças. Além desta escola ela trabalha em uma escola de educação especial (EMEB).[17]

Outro ponto interessante é que a escola tem uma dinâmica de funcionamento diferente de outras, como ela não tem serventes, o trabalho de supervisão dos alunos em horários de intervalo,

[17] Escola Municipal de Educação Básica.

entrada e saída é feito em conjunto com todo o corpo da escola. Desta forma, a diretora faz também o papel de inspetora, a coordenadora faz papel de professora auxiliar contribuindo assim para um ambiente no qual predomina a ajuda mútua. Vale ressaltar que esta foi uma medida escolhida pela própria escola e não devido a falta de verbas para a contratação de mais pessoas. Segundo a diretora e coordenadora pedagógica esta alternativa é útil não só porque permite que elas fiquem próximas às crianças, banindo o estereótipo da figura da diretora como punitiva e alguém que as crianças só conhecem quando fazem coisas erradas, mas também diminui o número de ocorrências de casos agressivos no momento do intervalo.

Por fim, com este primeiro contato percebi que toda a equipe da escola mostrou-se muito receptiva e embora não tivesse conhecimento detalhado do projeto, elas estavam esperançosas e com ansiedade antecipada, entre outros, pela impressão que o nome do projeto causava: "Educoração".

5.2 De olho nos bastidores: a entrada e a saída das aulas

No momento de entrada e saída, as crianças formam uma fila e são guiadas pelos professores até o local das aulas. Este período é um momento valioso, já que é possível observar as crianças "livres". Nas filas elas se batem, se cutucam e às vezes acontecem alguns pequenos desentendimentos, pequenas brigas. Entretanto, sempre a coordenadora está com seus "olhos de águia" observando e chamando a atenção das crianças.

Enquanto as crianças esperavam seus pais a diretora perguntou para duas delas qual eram os nomes de suas professoras e elas não sabiam responder. Fiquei refletindo qual era a relação delas com as professoras, mas não tive tempo de conversar com as crianças, pois a "Kombi" que viria buscá-las estava saindo. Outra situação interessante foi no momento da entrada na escola: uma criança chegou meia hora antes, pois os pais estavam trabalhando e o irmão iria trabalhar e não poderia trazê-la mais tarde. Estes acontecimentos me trouxeram algumas reflexões acerca das relações afetivas destas crianças com seus pais que muitas vezes estão trabalhando e não têm tempo para elas, segundo comprovam os relatos da diretora e das professoras as quais os alunos nem sabem o nome.

Nesta primeira observação percebi que a relação dos alunos com a diretora e coordenadora era muito agradável. As crianças falavam “tchau” e muitos as beijavam, abraçavam-lhes, davam-lhes presentes e flores.

5.3 O interlúdio, momento do intervalo

Foi muito bom ver o dinamismo e o amor com os quais a coordenadora pedagógica instruía as crianças e lhes chamavam a atenção. O momento do intervalo foi quando pude perceber as crianças e o modo como elas se relacionavam. A brigas são constantes, visto que a cada momento um aluno procurava a coordenadora tecendo uma reclamação.

Algo que me chamou a atenção foi o fato de que o estilo das crianças influenciava seu comportamento. Segundo a coordenadora pedagógica, as crianças trazem para a escola aquilo que elas aprendem em casa e com a televisão, em muitos casos, personagens de desenhos impregnados de muita violência os quais influenciam a sua relação com os outros alunos. Um exemplo disto é que os meninos, por exemplo, usavam brincos para imitar o filme *Tropa de Elite*, além de desenhos no corpo para imitar membros da família. Ela também relatou que no momento do intervalo uma menina de seis anos beijou outro aluno com mesma idade na boca, para imitar a novela. A coordenadora chamou a atenção e conversou com a criança, mas não comunicou os pais, uma vez que não adiantaria tendo em vista o meio desestruturado que esta criança vive. Caso os pais fossem chamados, a criança só iria apanhar.

Outra questão interessante é o uso constante de um apito pela coordenadora, o qual ela invariavelmente aciona para chamar a atenção das crianças e adverti-las. Embora aparentemente represente algo cruel, ela faz isto com muita diversão com as crianças e suas conversas com elas não são duras, mas muito amorosas. As crianças ficam no sol com agasalhos e ela chama a atenção, pois muitas vezes elas se desidratam e “passam mal.”.

As crianças respeitam a coordenadora: antes de o sinal soar a coordenadora apita e avisa para elas ficarem na fila e sem correr. Ela conta um... dois... e as crianças ficam quietas antes do três. Às vezes essa atitude me aparentava ser castrativa, causando a impressão de que barrava a espontaneidade das crianças, mas de qualquer modo ela garantia que a rotina da escola se mantivesse em ordem.

5.4 Divulgando e conhecendo os pais

A reunião com os pais foi marcada para as 19 horas do dia 07 de abril de 2008, uma segunda-feira. As explicações do referido projeto seriam feitas por mim e pela Dra. Susan Andrews, idealizadora do projeto Educoração. Nós tínhamos combinados que ela faria o embasamento cientifico e explicaria o porquê da criação do projeto Educoração. Caberia a mim explicar a realização da pesquisa de monografia bem como colher as assinaturas dos pais que concordassem com a participação de seus filhos, tomando os devidos cuidados éticos com o procedimento.

Figura 3 – Divulgação do projeto para os pais.

A explicação do projeto teve início com a secretária da educação em conjunto com a diretora da escola apresentando o porquê da necessidade de realizá-lo. Esta primeira apresentação estabeleceu um clima de confiança e nos aproximou dos pais.

A palestra se iniciou com a Dra. Susan Andrews apresentando os porquês do desenvolvimento do projeto. Ela apresentou muitos termos novos para a platéia, mas mesmo assim os pais se mostraram interessados em apreendê-los. Logo após, me apresentei e contei um pouco sobre o modo como a pesquisa seria desenvolvida, os pais ficaram entusiasmados e

concordaram que seus filhos participassem. O que me chamou a atenção foi ao final que um dos pais fez um comentário interessante:

> "Este projeto deveria ser realizado com nós pais para que possamos saber como fazer com nossos filhos, pois queremos fazer algo de bom para eles, mas não sabemos como".

Li o termo de compromisso para os pais e depois me coloquei a disposição para sanar possíveis dúvidas. Respondi algumas perguntas e todos os pais concordaram com o projeto e ficaram felizes com esta oportunidade.

6 Os Atos de uma nova história

Apresentarei nas páginas a seguir os relatos referentes às observações de campo durante o desenvolvimento do projeto Educoração. Ressalto que estas foram minhas percepções em relação ao projeto e que estabeleci um diálogo com os relatos da professora e com os autores que fundamentam a temática a fim de buscar uma análise mais ampla para a proposta.

Outro ponto a considerar é que os relatos estão apresentados seguindo a ordem cronológica em que estes aconteceram, desta forma, são apresentados os oito primeiros relatos de maneira consecutiva com o intuito de acompanhar o desenrolar do projeto na escola.

Por fim, gostaria de lembrar que como se trata de uma pesquisa participante, a opção pela redação desta parte do texto em primeira pessoa do plural deve-se ao fato que neste momento, o papel de pesquisador era dividido com o papel de facilitador junto à educadora do projeto. No entanto, a professora de sala apenas observava e escrevia suas impressões acerca das atividades.

6.1 Primeiro Ato

Chegamos na escola eu e a educadora[18] contentes por ser o primeiro dia do projeto. Fomos recepcionados pela coordenadora pedagógica e conduzidos até a sala de aula que era pequena, com 22 alunos. Ao entrar, as crianças estavam sentadas nos esperando e ansiosas por saber quem éramos e o que era este projeto. Saudamo-las e eu me apresentei como professor de educação física, notícia que foi recebida com alegria pelas crianças. Acredito que elas tinham experiências positivas com a educação física e que a viam como um momento de liberdade de

[18] Cristiane Rodrigues da Maceno é psicopedagoga. Ao lado da psicóloga Fábia Vasconcelos coordena o Centro Educativo Espaço CreSer, onde o projeto é facilitado.

movimentos e gestos, pois logo já perguntavam se iriam brincar no projeto. Afirmamos que iriam brincar e aprender muita coisa, e elas sorriram com tamanha alegria que já conseguimos estabelecer nosso primeiro laço de confiança. Em seguida, a educadora se apresentou e contou um pouco sobre o projeto, que à primeira vista foi tomado pelas crianças como algo divertido.

Figura 4 – Cristiane Rodrigues da Maceno (Facilitadora do Projeto).

Depois da nossa apresentação, convidamos as crianças a saírem de suas carteiras, para formarem um círculo no centro da sala. É muito interessante perceber que a mudança da disposição delas na sala de aula sem carteiras parece conferir uma maior liberdade para expressão das crianças.

Antes de iniciarmos as dinâmicas do dia, escrevemos um esquema da rotina na lousa e explicamos nosso planejamento. Esta forma de ilustrar para as crianças as atividades que seriam desenvolvidas é uma excelente alternativa para valorizar não só o processo de alfabetização, mas também para que elas se sintam parte da construção do planejamento, visto que quando terminávamos uma dinâmica elas recorriam a lousa para anunciar a próxima. Este ato parece lhes

conferir uma melhora em sua auto estima uma vez que o professor reconhece e valoriza seu conhecimento e suas habilidades na construção das vivências, pois como nos aponta Freire (2006), ensinar não é transmitir conhecimento mas sim criar possibilidades para a construção conjunta, pois devemos prezar pelo respeito a autonomia de cada educando.

Em seguida, sentadas em círculo, apresentamos a elas um palhaço de fuxico[19] maleável e dissemos que ele adorava voar, perguntamos qual seria o nome dele e o apelidaram de Pirueta. Explicamos que o Pirueta adora fazer acrobacias no ar e quando é jogado alguém tem que segurá-lo para ele não pular, e quem estiver segurando tem que dizer o nome e o que gosta de fazer. Neste primeiro momento, grande parte das crianças se apresentou de maneira muito tímida. Mal podíamos ouvir suas vozes e muitas delas somente repetiam o que as outras haviam dito, o que levou a educadora a intervir com uma explicação de que era para elas falarem aquilo que elas gostavam de fazer e não o que o amigo gostava. Esta tentativa inicial não funcionou.

Continuamos com a próxima dinâmica chamada: sucessão de nomes. Sentados em circulo cada criança tinha que falar o nome de seus amigos que as precederam, repetindo na mesma ordem. A finalidade desta era estabelecer um círculo de confiança entre todos envolvidos nas vivências do dia. Nesta dinâmica, percebemos que algumas crianças tinham dificuldade em memorizar os nomes de seus amigos na ordem, embora já os conhecessem e este fato nos chamou a atenção para percebermos as crianças que apresentavam maior dificuldade de concentração e naquelas que não conseguiam esperar o amigo terminar de repetir a ordem. A educadora interveio relatando sobre a importância de escutarmos nossos amigos e explicou que quando alguém fala devemos abrir nossos corações para podermos escutar com mais atenção. As crianças entenderam e desta vez elas não falavam junto com os outros amigos. Esta experiência se repetiu nos outros dias de aula conforme foi dito pela professora:

> Durante a semana eles apresentaram atitudes em que pude perceber que estavam reproduzindo o que fizeram no primeiro dia de atividade do projeto, como cobrar o colega de ouvir enquanto outro fala.

Logo após fizemos outra brincadeira que se chamava saudação giratória. Organizadas em dois círculos concêntricos, as crianças no centro viradas de frente as que se encontravam no círculo ao redor de modo a ficarem de frente uma para outra. Desta forma, quando iniciava-se a

[19] Técnica de utilização de retalho para confecção de peças artesanais.

música o círculo de fora roda para a direita e o de dentro para a esquerda e quando a música parava falávamos um número que representava uma saudação diferente (havíamos explicados antes que o número um corresponde ao aperto de mão, o número dois ao abraço e o número três à saudação japonesa). As crianças adoraram esta forma de saudação e relataram que não estavam acostumadas a saudar os amigos assim.

Voltamos novamente para a roda e ensinamos as canções iniciais do Círculo do Amor. As crianças adoraram os movimentos e as melodias, e a cada momento palavras como “demais”, “da hora”, “que legal” e sorrisos expressavam a alegria e o entusiasmo delas com o círculo.

Figura 5 – Círculo do amor

No final, apresentamos um outro palhaço. Quem o segurasse dava voz a ele; e assim elas expressavam como tinha sido seu dia, o que elas mais gostaram e o que elas não gostaram. A educadora retomou novamente a importância de escutar com o coração o amigo que iria falar. E em alguns momentos quando alguma criança esquecia e falava quando uma outra estivesse falando, elas lembravam para seus amigos de somente escutar. Nos relatos, muitas disseram que gostaram das canções do Círculo do Amor e da saudação giratória. E quando relataram do que não gostaram, uma criança disse que não gostou do círculo. Os demais disseram que gostaram das atividades. Terminamos o dia ensinado a eles a canção para nossa despedida.

Estamos indo, estamos indo,
Abraço para ti, abraço para mim

Até amanha, até amanha,
Somos Um, somos Um.

E ao final da canção reunimos as mãos ao centro e perguntamos: o que vamos dar ao mundo? E elas respondem “amor”. Foi neste clima de amorosidade que encerramos o primeiro dia.

Nele, a intenção era de que através das dinâmicas, bem como a introdução ao Círculo do Amor, criássemos um momento de conexão e aproximação com as crianças para que elas pudessem se sentir seguras e acolhidas, utilizando-as inteligências interpessoal e intrapessoal descritas por Gardner (1995). Assim, poderíamos ter melhores resultados na aceitação do projeto e na cooperação delas para com os conteúdos que seriam abordados. Pude observar com estas dinâmicas que embora as crianças se conhecessem elas não aparentavam ter muitos momentos de conexão afetiva com seus amigos.

Conforme aponta Assman (2000) a busca por laços sociais solidários torna a escola um lugar onde o professor consegue criar um ambiente de confiança e estabelecer uma educação para as diversas competências sociais solidárias dessas crianças, dando a devida importância a cooperação e afetividade na construção deste espaço educativo.

6.2 Segundo Ato

Estava ansioso pelo retorno à escola. O dia foi acompanhado pela diretora e coordenadora pedagógica, pois elas queriam conhecer de perto o projeto.

Iniciamos o dia com uma dinâmica de saudação ao amigo, colocamos uma música e toda vez que esta parava de tocar as crianças tinham que cumprimentar seus amigos utilizando partes diferentes do corpo que eram determinadas pela educadora. Nesta atividade, algumas crianças se mostravam tímidas e outras se divertiram com as diversas maneiras de saudar o amigo.

Em seguida, fizemos um jogo da memória em que algumas crianças seriam as cartas e outras três escolhidas pelos colegas iriam adivinhar as duplas que criaram um movimento correspondente com seu corpo. O objetivo do jogo era acertar quem eram as duplas. Desta maneira, as crianças se alinharam em colunas e as outras crianças que adivinhavam tinham que encontrar e acertar os pares com movimentos iguais. Este jogo atraiu bastante a atenção e é uma alternativa lúdica de trabalhar com a concentração e expressão corporal delas. Percebi que neste

jogo algumas tinham vergonha quando era solicitado para fazer o movimento e seus amigos estavam olhando.

Em roda, fizemos o Círculo do Amor incluindo novas canções e também os exercícios de biopsicologia. Em relação aos exercícios foram ensinadas as posturas que mais tarde seriam utilizadas na primeira parte da história que iríamos contar, "O Monstro que roubou o vermelho". Ensinamos a postura da montanha com a finalidade de trabalhar com o equilíbrio físico e emocional, a postura do leão que ajuda na melhoria da expressão e timidez e a postura do bebê, indicada para a impaciência. Durante a execução dos exercícios tivemos alguns relatos interessantes:

Figura 6 - "Me sinto mais alta e em paz como borboleta"
(relato de uma aluna).

No momento em que as crianças se sentaram, a educadora colocou uma vela ao centro da roda e ensinou para elas que a partir daquele momento toda vez que elas se sentassem uma criança que tivesse feito o círculo de forma bem bonita podia acender ou apagar a vela. As crianças adoraram esta idéia e foi um momento de euforia, já que todas elas queriam fazê-lo. Esta forma de atrair a atenção da criança é uma alternativa pedagógica para dar início e focar a atenção da criança, pois como apresenta Freire (2004) o professor deve oferecer aos alunos alternativas que tragam a criança para o aprendizado sem refrear seu desenvolvimento.

Durante o desenrolar do círculo as crianças aprenderam uma canção para realizar a vivência que se chama “Teia do Amor”. Segurando um rolo de barbante, as crianças o jogavam umas para as outras em momento oportuno, construindo uma teia.

Figura 7 - Teia do Amor.

Somos todos de uma família, somos todos de uma família;
Família de amor, família de amor...
(nome da criança) é amor, é amor!

Através da canção e da inclusão de cada criança nesta teia de amor mostramos a elas que todas estavam conectadas e quando uma criança sentisse alguma coisa as outras também podiam sentir e o que eu faço de um lado da teia meu amigo pode perceber. Sendo assim, as crianças que queriam expressar alguma coisa puxava o barbante e todos podiam sentir o movimento da teia e assim nós sabíamos que o amigo queria falar. Esta atividade foi muito elogiada posteriormente pela professora, segundo o relato:

> As atividades de hoje foram bastante interessantes. A que mais chamou a minha atenção foi a teia de Amor, pois para eles ficou claro que quando um coleguinha tem um problema, todos nós sentimos e por isso deve ser do nosso interesse cuidar para que todos estejam bem.

Segundo Maturana (2004), as escolas não devem permitir que ocorram espaços discriminatórios dos sujeitos nela envolvidos. Em outra direção, deve buscar um espaço de

acolhimento onde o respeito e empatia possam florescer, já que são fundamentais para o desenvolvimento afetivo do aluno.

Neste dia também foi ensinado a elas a meditação, uma forma de conectar-se consigo mesmas e que confere o desenvolvimento de aspectos ligados a um modelo de si próprio e que auxilia em suas relações afetivas (GARDNER, 1995). Na meditação poucas crianças fechavam os olhos, enquanto o restante permanecia com os olhos abertos "caçoando" da situação.

Logo após o círculo fizemos a roda de compartilhar e elas relataram como estavam se sentindo. Percebemos que muitas têm dificuldade de falar de forma subjetiva delas mesmas, mas muitas disseram que estavam bem e outras que se sentiam alegres. Estas palavras foram suficientes para me causar certa emoção e realmente ver que o projeto estava no início de seu objetivo – a alfabetização emocional como meio para a formação afetiva infantil, pois como explica Wallon (1989), desde o nascimento a criança é um ser afetivo e o desenvolvimento intelectual é dado pelo bom desenvolvimento da primeira e para isto é necessário o desenvolvimento de laços afetivos positivos com quem as rodeiam.

Ao final do encontro, as crianças não queriam que fôssemos embora e nos perguntavam se nós iríamos ser seus professores para sempre. A professora veio me saudar expressando sua alegria e felicidade com a oportunidade de vivenciar o projeto e relatou que "durante a semana notei que as crianças já estão utilizando alguns conteúdos trabalhados; principalmente o hábito de escutar quando alguém esta falando."

6.3 Terceiro Ato

Chegamos na escola e procuramos um outro espaço para desenvolver o Círculo do Amor, pois precisaríamos da sala de aula livre para montar o cenário da história. Logo, decidimos fazer o Círculo do Amor na sala de leitura.

Como de costume chegamos na sala e escrevemos na lousa o que aconteceria no dia e as crianças ficaram entusiasmadas quando dissemos que teríamos uma história. É interessante notar como a história e a magia são grandes atrativos para elas e como podemos abordar muitos conteúdos pedagógicos de forma lúdica, despertando seus diversos sentidos e inteligências (GARDNER, 1995).

Levantar um braço, levantar o outro
Fazer bamboleio e mexer o pescoço
Olhar para o teto, olhar para o sapato
Escolha um amigo e de um abraço!

Com esta canção iniciamos mais um dia. Hoje percebi que algumas crianças somente ficam em seus pequenos grupos e não interagem com as outras. Isto fez com que a educadora os misturassem quando estavam de mãos dadas no círculo, separando estes pequenos grupos. No início ocorreu certo desconforto, mas ao final elas nem percebiam mais, pois estavam se divertindo com as músicas.

Observei também que a maioria das crianças já lembravam as canções e os movimentos que havíamos passado e isto fez com que o círculo se tornasse bastante forte. Elogiamos as crianças e elas nos disseram que sabiam a letra das músicas, uma vez que a professora estava colocando todos os dias antes de começar a aula.

Hoje na meditação a educadora fez a visualização do coração e notei que as crianças já estavam mais quietas e ficaram de olhos fechados por um tempo maior. Logo após, terminamos o Círculo do Amor e voltamos à sala de aula para ver a história, as crianças estavam ansiosas por este momento. Elas se sentaram ao redor do chamado Círculo Mágico e ensinamos uma canção antes de iniciar a história.

Conte uma história, conte uma história,
conte uma história para aula começar,
estamos esperando, estamos esperando,
conte uma historia para aula começar,
era uma vez, era uma vez...

Cada momento da história era um encantamento para elas. De forma bem interativa as crianças realizavam as posturas que elas aprenderam durante os encontros bem como decoravam algumas canções relativas ao tema tratado no dia.

Figura 8 – Postura de Biopsicologia durante a História do Monstro que roubou o vermelho.

No momento em que apareceu na história a mulher sábia, ela ensinou sobre como proceder em momentos incertos e de muito medo: *Ouça o coração e emane muito amor*. As crianças compreenderam o ensinamento quando se tem algum problema visto os relatos posteriores.

> Eu aprendi que quando estiver com medo é só encher o coração de amor. (relato de uma criança)
> Eu gostei da mulher sábia que ensinou eles vencerem o medo. (relato de uma criança)

A história terminou com a voz do monstro assustando–as, e neste clima de suspense a historia terminou, o que fez que elas ficassem curiosas para saber quem era o monstro e como terminaria a história.

Pedimos para elas desenharem como era este monstro e entregarem na próxima aula. Ao final, fizemos uma roda de compartilhar e perguntamos o que elas mais gostaram da história, destacamos alguns comentários:

> Do leão bravo que quando mandamos amor ele virou um gatinho bonitinho! (relato de um aluno).
> Da mulher sabia que da o coração mágico e ensina que é só mandar amor quando se tem medo. (relato de um aluno).

Este dia notei o grande interesse das crianças com as histórias e percebi como o estímulo da criatividade delas é algo positivo. Permite que elas interajam e busquem prender a atenção delas para os conteúdos afetivos que se pretende trabalhar (amor, respeito, empatia e fazer o bem). Segundo Assman (2000), o papel da educação como veículo de integração deve enfatizar a valorização da sensibilidade, o reconhecimento das diferenças, a empatia e a esperança como partes da condição humana e indispensável para o reconhecimento mútuo.

Conversei com a professora que me relatou emocionada que estava fazendo o Círculo do Amor todos os dias e que tinha gostado desta forma de contar história. Além disso, ela nos mostrou o bastão falante que fizera igual ao nosso para fazer a roda de compartilhar com suas crianças.

6.4 Quarto Ato

Chegamos na sala de aula e na entrada já fomos recebidos pelas crianças com os desenhos do monstro, perguntando se iria ter o final da história. Como de costume conversamos um pouco com elas, iniciamos o Círculo do Amor e pedimos que elas mostrassem seus desenhos de como elas imaginaram o monstro:

Figura 9 – Alguns desenhos das crianças de como seria o monstro da História.

Quando iniciamos a segunda parte da história as crianças estavam bem ansiosas e no decorrer dos acontecimentos, quando o monstro apareceu, escutamos vários comentários se o monstro era da forma que elas tinham imaginado. A cada momento as crianças pareciam estar mais envolvidas e falavam para ajudar “Aninha” e “Pedro” nessa aventura.

No final, o monstro mau se transforma em um monstro bom e devolveu todo o vermelho ao mundo. Neste momento, as crianças ficaram felizes e algumas disseram que estavam com medo de não ter mais cor no mundo.

6.5 Quinto Ato

No dia de hoje, o Círculo do Amor aconteceu de forma muito tranqüila, e no momento, no qual uma criança foi acender a vela e não estava conseguindo, uma outra criança respondeu: porque não utiliza dois palitos, pois assim e mais fácil. Seguimos seu conselho e deu certo, e este fato foi bem positivo para ele, pois se sentiu ouvido. Como ressalta Freire (2004) a respeito da importância do olhar do professor sobre os conteúdos trazidos pelos alunos na construção do aprendizado e na valorização da criança.

Terminado o Círculo do Amor, dividimos as crianças em dois grupos, pois elas iriam contar a história do monstro para nós. Recapitulamos junto com elas a história e em cada grupo as crianças dividiram os papéis que deveriam ser ocupados por cada uma e contavam a história, ensaiando com seu grupo.

Figura 10 – Ensaio para a narração da História.

No momento da narração da história para seus amigos do outro grupo as crianças contavam de forma muito baixa, com certa timidez. Neste momento a educadora interveio pedindo para que elas falassem mais alto, mas ainda algumas crianças permaneceram falando em baixa voz. Um fato que chamou minha atenção foi quando um menino não quis mais fazer o papel do personagem na história e seu amigo de forma bem carinhosa conversou com ele e estimulando-o e ajudando seu amigo com a fala. Este ato de empatia foi emocionante não só para mim e a educadora, como também para a professora. Lembrei de Maturana (2004) quando ele enfatiza o aceitar e o apoio como fundamentais para o desenvolvimento do aprendizado.

Neste encontro percebi como as crianças gostam de fazer o papel de professor e mostrar que está ensinando algo para nós, elas repetem as mesmas observações que temos e que falamos em aula. E aqui cabe uma reflexão a respeito do modelo embutido sob o professor na imagem criada em seus alunos.

Após a narração, no momento de compartilhar, observei também que as crianças estão mais falantes e expressam mais seus sentimentos subjetivos para seus amigos, além de demonstrarem apoio e motivação quando algum deles por algum motivo não quer falar.

6.6 Sexto Ato

No dia de hoje nos propusemos a fazer somente o Círculo do Amor e conversar com as crianças a respeito do projeto. Quando entramos na sala fomos apresentados a duas crianças novas, para as quais as ouras crianças já haviam ensinado as canções. Durante o Círculo foi interessante ver que as crianças estão mais participativas, cantando e fazendo os movimentos de forma mais a vontade e na meditação elas estão ficando com os olhos fechados por um período maior. A professora relatou algo bem positivo que estava acontecendo.

> "Percebo durante a semana que as crianças estão mais calmas e amorosas uma com as outras, não só com seus gestos, mas também mais atenciosas com os amigos".

Fiquei feliz por ver que o projeto estava alcançando seu objetivo. Nos sentamos e escolhemos uma criança para acender a vela. Este momento é sempre o mais difícil, uma vez que todos querem acendê-la e acaba parecendo que estamos excluindo alguns, percebo uma cara de descontentamento quando não são escolhidas. Precisamos pensar em um outro recurso.

Figura 11 – Círculo do Amor.

Quando iniciamos a Teia do Amor, pude perceber um fato interessante: algumas crianças somente jogam a linha para os mesmos amigos, revelando os grupinhos que existem na classe. Acabam por excluir outros colegas, e como a proposta é valorizar a união entre todos precisei achar uma forma de intervir e mostrar para elas que todos fazem parte na construção da teia e sem eles não seria possível formá-la. Este fato me chamou a atenção, pois Assman (2000) mesmo ressalta a importância de um olhar atento para a inclusão de todos no processo do conhecimento para que ninguém se sinta excluído e afetado seu aprendizado.

A educadora falou após a construção da teia que ela é importante para perceber como nós estamos conectados e que somos uma unidade, pois quando estamos tristes nosso amigo também fica triste. Ela também falou sobre a empatia e abriu a palavra para que as crianças compartilhassem o que quisessem. Todas as crianças falaram o que entenderam da palavra empatia dando exemplos em que achavam que exerceram, destaquei dois comentários:

Uma criança contou que foi pescar, ficou com dó do peixe e o soltou de volta na água. A educadora interveio e lembrou o que ele sentiu foi empatia e explicou novamente. Neste momento um aluno decidiu falar: ele comentou que fica triste, pois toda vez que beija a outra aluna ela limpa o rosto. Ele fica chateado porque não está sujo, já que toma banho. Neste momento outras duas crianças comentaram que a aluna faz a mesma coisa com elas também (percebemos que os três que reclamaram disso são negros). Estávamos diante de uma cena de

discriminação racial, as crianças concordaram e ficaram falando várias histórias e a educadora interrompeu, pois a aluna começou a chorar. Intervi também e falei que cada pessoa tem seu jeito de expressar seu amor, algumas gostam de tocar e outras não. Às vezes o amigo que dar amor para você com o toque (ficamos sem reação para a situação que surgiu). E percebi que não estava preparado para aquela situação e que o menino tinha compreendido a palavra empatia e como foi bom para ele expressar aquilo.

O dia terminou com o relaxamento, o qual foi meio difícil, pois algumas crianças estavam bem eufóricas com a situação que se estabeleceu na sala. No momento do relaxamento percebi que algumas crianças necessitam ser tocadas para fechar os olhos e ficarem tranqüilas. No final da aula, a diretora veio até mim e relatou um acontecimento interessante.

Uma menina da sala tinha incontinência urinária e cheirava mal. Um determinado dia ela foi à escola bem arrumada e perfumada e ela virou para a diretora e disse: "Você vê como eu estou bonita , eu acho que este projeto está me fazendo bem..."

Ao escutar este relato fiquei bem contente em perceber que estávamos atingindo os objetivos. A proposta vinha atuando na valorização da auto-estima da criança, que passaram a se sentirem aceitas e amadas como parte do grupo. Isso é extremamente importante, uma vez que Wallon (1989) nos afirma sobre a importância das relações afetivas para a criança desenvolver sua capacidade intelectual.

6. 7 Sétimo Ato

Chegamos na escola preparados para um dia diferente, pois iríamos ensinar as crianças a costurarem os corações mágicos que fora utilizado na história do monstro. A idéia do coração mágico é uma forma didática de ajudar as crianças expressarem seus sentimentos e lembrar da importância do amor e empatia em momentos difíceis na vida, pois Maturana (2004) explana que o amor é central na convivência humana, e as ações que constituem o outro na realização do ser social se afirma tanto na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro.

Além de trabalhar com suas múltiplas inteligências (GARDNER, 1995), o coração pode ser utilizado em momentos em que existe algum desacordo na sala, desta forma, é um objeto que concretiza o ato de empatia de um com o outro bem como exerce o poder de escuta e compaixão

que pode sempre ser usado em qualquer problema que vierem a ter, na escuta e aceitação do outro.

O dia iniciou-se com uma calorosa saudação e com os comentários das crianças de como foi seu final de semana. Fizemos somente duas canções do círculo para eles saudarem seus amigos e em roda passamos um alongamento que foi bem divertido. As crianças gostavam de falar que estavam sentindo dor para que falássemos para elas mandarem amor. Falamos que o alongamento é uma forma de mandar amor para o corpo. Neste momento uma criança disse que ela jogava muito vídeo game e se era bom ela fazer este alongamento. A educadora respondeu que em todo momento que o corpo estiver precisando temos que dar amor a ele.

Em círculo a educadora perguntou quem sabia costurar, e algumas crianças levantaram o braço. No círculo, as crianças que sabiam costurar sentavam-se próximas das que não sabiam.

Figura 12 – Costura do Coração Mágico.

As crianças receberem um pedaço de tecido cada uma (já cortado na forma do coração). E uma agulha grossa com linha. Ensinamos como fazer e eles aprenderam bem rápido. Era nítida a felicidade e alegria no rosto deles, pois, de acordo com o relato da professora, eles nunca fizeram isto na escola. Todos se comportaram muito bem e quando terminaram ficaram desfilando com seus corações.

Um caso que chamou a atenção foi o momento em que um aluno viu o outro jogando o seu coração em uma menina da sala e ele virou e falou, *"coração é para amar e não para bater"*.

Figura 13 – Foto com os Corações Mágicos.

Tiramos uma foto de todos com seus corações e ao final a professora emocionada me disse:

> "Este projeto pode não ter mudado nada na escola , mas me transformou enquanto professora, não que eu fosse uma professora ruim, mas sempre temos algo a apreender".

6.8 Oitavo Ato

Cheguei na escola e fui surpreendido por um imenso recado na sala dos professores que dizia: *"o cd do projeto educoração foi gravado para cada sala e se encontra sobre a minha mesa*". Fiquei muito feliz em saber que as outras salas estão desenvolvendo o Círculo do Amor em suas aulas e como Morin (2000) nos afirma que uma educação do futuro se faz pela rede de indivíduos dedicados a pensar e agir no mundo.

Estava caminhando rumo a sala de aula quando pude espiar por uma porta a professora da sala ao lado fazendo a dinâmica do "bastão falante" com as crianças. Parecia que estava em um outro lugar. A escola se mostrava confiante com os resultados positivos, o que é afirmado pela

multiplicação do círculo nas outras salas de aula. Os professores e funcionários mostraram –se surpresos com os resultados.

Eu poderia pensar que eles estavam fazendo isto, pois eles sabiam que eu estaria lá, mas era uma segunda feira, um dia que não era o convencional do projeto.

Enfim, chegamos à sala de aula e fomos recebidos com um sorriso de bom dia da professora seguido dos sorrisos das crianças. Eles ficam muito felizes quando é o dia de projeto, talvez porque eles saem da rotina e encontram pessoas diferentes ou então porque eles realmente gostam da proposta.

Ao entrar na sala uma criança nos mostrou um coração que havia feito em sua casa, fiquei surpreso de como a aula anterior foi significativa para ela.

Começamos o dia com uma conversa informal com as crianças perguntando como foi seu final de semana e muitos diziam que estavam com muito amor. Acredito que eles adotaram esta palavra, pois perceberam o efeito positivo e alegre dela. Um aluno, todo sorridente, trouxe o jornal que saiu na cidade sobre o projeto e as crianças relataram que ficaram feliz de aparecer no jornal.

8 CIDADE DAS ROSAS

Projeto EduCoração começa a ser implantado na rede de ensino municipal

Alunos da escola participam do projeto

A Prefeitura de Cerquilho está implantando na rede municipal de ensino o Projeto EduCoração, tendo como piloto a EMEF "Lázara Augusta Sabatini". O projeto que será desenvolvido em Cerquilho conta com o apoio do pesquisador Janir Coutinho Batista, graduado em educação física pela Universidade Estadual de Campinas, estado de São Paulo, sob a orientação da Prof. Dra. Elaine Prodócimo, tem como objetivo realizar uma pesquisa para analisar a implementação do Projeto "EduCoração" na cidade. A pesquisa que está sendo desenvolvida visa analisar a resposta das crianças bem como dos professores ao projeto e, verificar o quadro da sala antes e depois do projeto. A idéia é pesquisar se o projeto serve como uma alternativa pedagógica na formação afetiva infantil

O Projeto EduCoração é um programa simples e eficaz para construir o caráter, restaurar o equilíbrio emocional e regenerar os laços afetivos em um Círculo de Amor, de modo a ajudar as crianças a abrirem

co Visão Futuro, localizado em Porangaba–SP, que tem como colaboradoras as educadoras Cristiane Rodrigues Damasceno e Fábia Vasconcellos e é desenvolvido há quinze anos no Centro Educativo Espaço CreSer.

O Círculo de Amor, realizado no Projeto EduCoração, é uma roda de afeição com divertidas canções, movimentos criativos, exercícios e histórias que despertam nas crianças a sensação de união e empatia com tudo ao seu redor.

Num mundo ameaçado por agressividade de todos os tipos, equilibrar e educar as emoções são essencial para alcançar saúde, comprensão e paz.

Nas escolas ou em casa as crianças de um aos dez anos de idade adoram as vivências com as quais iniciam o dia logo pela manhã e que imprime um clima de alegria e amor pelo estante do dia, e também as convida para sentir a conexão com os amigos, família e todos com quem elas convivem.

As dinâmicas e vivências propostas pelo Projeto EduCoração foram desenhadas para ajudar as crianças a aprenderem, de

Figura 14 – Jornal de Cerquilho.

O momento dos exercícios de biopsicologia foi bem interessante, uma vez que trabalhamos com postura de equilíbrio que requer concentração em sua execução. Hoje, percebi que a atenção das crianças melhorou: estão falando menos nestas posturas e estão buscando sentir mais seus efeitos. Algumas crianças começaram a perceber que quando falam não conseguem se equilibrar. Uma delas trouxe a idéia de que no alto da montanha tinha também um macaco, e nós imitamos o macaco. Foi bem engraçado e descontraído, o que prova que é importante o professor estar atento àquilo que as crianças trazem para a contribuição do processo de aprendizagem (FREIRE, 2004).

Mais uma vez, constatei que na hora da visualização as crianças não estão abrindo os olhos e repetem após a educadora: “Eu sou Amor”. Logo após, a educadora falou sobre o talismã: aquela pessoa que você mais ama é seu talismã e ele tem poder quando você estiver triste e com algum problema basta você fechar os olhos que você vai ficar bem com muito amor em seu coração. Perguntei se as crianças já tinham encontrado um talismã, e elas responderam que sim. Algumas encontraram cinco, outras dez, e a cada hora que fechavam os olhos encontravam mais, neste momento, uma criança relatou que ela estava começando a ver que todos são seus talismãs e que ela ama todos.

Figura 15 – “Eu sou Amor”.

Na auto-massagem uma criança contou que está fazendo na sua mãe, pois ela sempre tem dor e assim ela consegue mandar muito amor para sua mãe. Após, no relaxamento, as crianças ficaram em total silêncio e foi a primeira vez que conseguimos o efeito que queríamos com esta prática.

Em seguida as crianças tiveram a oportunidade de ver a história do urso polar e do pingüim. Esta tinha como objetivo abordar a questão do preconceito racial que pudemos perceber no encontro passado. A história é sobre uma conversa entre o urso polar e o pingüim falando sobre a diferença de cores e que percebem que nunca uma cor é única e a beleza das coisas está na mistura das cores. As crianças divertiram-se muito com a história e se mostraram muito participativas dando opiniões na discussão do pingüim e urso polar.

Na hora em que terminamos a história fizemos o momento de compartilhar (e como costume nós educadores só falamos depois das crianças para não influenciar suas opiniões). Listei alguns comentários das crianças:

- "Esta história ensina que cada um gosta de uma cor". (a resposta dele foi imediata, estou surpreso de como eles captam o contexto da história).
- "Eu vi que a cor branca é a cor de Deus e dos anjinhos" (detalhe que ele é a criança que foi rejeitada pela outra por sua cor negra).
- "Cada um gosta de uma cor e não podemos brigar e obrigar ninguém a gostar de uma cor. Cada um tem sua cor que mais gosta".
- "Eu gostei que o nariz do urso era preto e o peito do pingüim era branco, e eles estavam falando de cores que os dois tinham".
- "Um sentimento de alegria, pois o urso viu que ele era preto e o pingüim viu que era branco".

Depois as crianças começaram a falar das cores e de que cores eles gostavam mais e começaram a ver que cada um gostava de uma cor e que não discriminavam o gosto do outro, mas refletiam sobre ele. Como um aluno que decidiu falar que ele comeu "uma feijoada que era preta" e o amigo disse "mas tinha arroz branco". Foi bem legal esta parte.

Neste momento o mesmo aluno queria falar de novo e outra criança disse que ele já havia falado duas vezes, então ele perguntou se ela queria falar e ele deu o bastão para ela (ela é uma criança taxada como difícil e egoísta, achei lindo aquele ato).

Neste momento de compartilhar foi muito interessante, pois as crianças falaram de amor e expressaram mais o que estavam sentindo. Estamos percebendo várias mudanças nas crianças; elas estão se expressando mais e fazendo relações de suas vida com as histórias que trazemos para elas. Também percebemos que estão entendo o que é empatia e o que é amar e ser amado.

6.9... A continuidade

Estes encontros continuaram até a décima sexta semana, quando preparamos uma peça de teatro para os pais. Neste dia eles ficaram muito emocionados e tocados, pois além da peça realizamos a dinâmica do Circulo do Amor com eles. Alguns relataram a importância deste trabalho conjunto da escola e pais para a educação de seus filhos.

7 Depois da estréia – os ruídos dos bastidores

Posso dizer que em relação aos objetivos almejados, a proposta cumpriu com sua meta visto que foi perceptível com os oito encontros a mudança trazida pelo Educoração para a escola, segundo minha percepção dos encontros e a partir das diferenças que foram relatadas pela professora na sala de aula. Vale ressaltar que o sucesso observado na materialização deste projeto só pôde ocorrer em virtude da aceitação e do interesse por parte da escola, e principalmente do trabalho conjunto com a professora.

Esta nova configuração no cenário da escola tornou-se uma realidade devido a dois fatores: o primeiro deve-se ao avanço trazido pelo projeto Educoração. Sua proposta de atividades e práticas contribuíram de maneira direta para que fossem trabalhados diversos valores relativos à afetividade e ao convívio das crianças na escola. Já o segundo, diz respeito à mudança que tem que partir do professor; a ajuda e o trabalho atento com as questões levantadas pelas experiências do projeto só puderam vingar, pois começaram a fazer parte do dia-a-dia da classe. Com isso em um pequeno espaço de tempo pôde-se obter um quadro de mudanças significativas no comportamento dos alunos. Acredito que sem estes pilares de atuação conjunta talvez o tempo de análise fosse insuficiente para se obter tais mudanças.

Após estes oito encontros, as crianças, pais e a professora responderam a um a uma breve entrevista e em relação a ela destaquei alguns relatos dos pais que disseram que a maior

contribuição deste projeto para seus filhos foi ensinar a importância do respeito, da escuta e do amor, e eles relataram que perceberam seus filhos menos tímidos para conversar e expressar suas vontades.

Com relação às crianças, segundo frases e cenas registradas durante estes oito encontros, pude notar que o que elas mais gostaram foram às histórias, e o que mais aprenderam foi como usar o amor do coração quando têm algum problema a ser resolvido.

Para elucidar a percepção da professora, selecionei trechos da entrevista feita com ela, a qual relata as mudanças até então percebidas:

"Você percebeu alguma mudança na sala de aula após o projeto?

Bom, no início tive um certo receio deste projeto atrapalhar o cumprimento do currículo, no entanto, ao passar dos dias o projeto contribui muito, ao passo que mudei a maneira de intervir em alguns comportamentos que prejudicava o andamento da sala de aula, e hoje vejo que não perdi tempo com a proposta, mas ganhei em rendimento da sala a medida que as crianças escutam e realizam as tarefas com mais entusiasmo. Uma relação melhor de afetividade e respeito com elas. O que achei mais interessante no projeto são as músicas que trazem uma mensagem diferente para cada vivência desenvolvida ajudando no clima de alegria e amor que se estabelece.

Observei que as crianças apresentaram maior afetividade em relação aos colegas e passaram a se expressar mais e melhorou o aproveitamento das aulas em relação aos conteúdos, pois agora parecem ver significado em que aprendem."

Pela fala da professora, percebo que uma das maiores contribuições do projeto Educoração foi as sensações positivas criadas no ambiente da sala de aula: respeito, cuidado, atenção, empatia, amor... Palavras que certamente são fundamentais para que se trabalhe a afetividade na escola sob uma perspectiva humana, como indica Maturana (2004).

Com todas as elucidações acima posso dizer que são notórias as mudanças observadas na sala de aula, na relação das crianças umas com as outras e também com a professora. Ressalto que após os oito encontros as crianças demonstraram uma maior abertura deixando a timidez para expressar aspectos subjetivos de si que às vezes não podem ser compartilhados na escola. No que diz respeito à professora foi admirável seu envolvimento e a credibilidade conferida ao projeto que foram sendo notados à medida que incluía as dinâmicas do projeto no seu cotidiano escolar.

Por fim, sublinho que a escuta entre todos se tornou mais harmoniosa e a empatia e respeito foram fortalecidos.

Os fatos relatados demonstram os pontos positivos em relação ao projeto, entretanto, é necessário frisar que com esta atuação percebi pontos que precisam ser retomados, como no caso da cena de preconceito que nos deixou imobilizados, sem uma resposta rápida para a ação. Acredito que o professor deva estar preparado para agir com serenidade a fim de proporcionar um acolhimento de todos, pois como alerta Freire (2004) diz o aprendizado é construído a partir da bagagem que o aluno traz em conjunto com o conhecimento do professor, já que este não é o detentor de todo o conhecimento. Desta forma, a aprendizagem se concretiza pela ação de ambos e cabe ao professor estar atento para reconhecer os conteúdos trazidos pelos alunos e recorrer a suas experiências para a construção do aprendizado.

Frente a todo o exposto, vejo que várias sementes foram plantadas, e que sem dúvida estas atividades ajudaram na construção de um novo paradigma em torno da afetividade e das relações humanas da escola. Desta forma, com todas as flores que o Educoração plantou muitas reflexões foram sendo tecidas a cerca da urgência da formação afetiva dos alunos que parece estar anulada nas escolas. Reflexões estas que passam a ser inquietações frente à postura dos órgãos públicos com relação à formação humana na instituição de ensino. Entendo que tal projeto atraiu a atenção da secretaria da educação da cidade e abriu possibilidades de intervenção na escola, trazendo esperança para novas relações humanas e afetivas entre os alunos. Outro ponto a considerar é que os autores citados no trabalho advêm de correntes epistemológicas distintas, porém todos salientam um ponto comum sobre a urgência de novos métodos para o desenvolvimento afetivo e humanização do ensino, isto deveria servir de alerta sobre a necessidade de ações neste âmbito.

Além disso, é importante destacar que a formação profissional dos professores deixa muitas lacunas com relação ao trabalho afetivo com os alunos e suas feridas estão expostas para toda a sociedade. E hoje, devemos pensar o porquê existe uma menor procura aos cursos de licenciatura, e até quando deixaremos estas feridas abertas mostrando para a sociedade a dor da ausência de uma atuação mais humana?

Por fim, entendo que as escolas não são apenas vitrines do conhecimento, mas que são campos férteis para que semeie uma nova consciência humana, mais sensível a vida em sociedade. E mesmo com todas as mazelas sociais é possível acreditar na educação como uma alternativa eficaz para sanar as dores que ressoam no coração da humanidade, e assim fazer do

ensino algo realmente com valor e significado. Mas para isto é preciso questionar: até quando continuaremos sucumbindo à formação afetiva de nossas crianças? E até quando estaremos imunes aos gritos de socorro daqueles que estão imersos nas instituições escolares?

8 Desfecho dessa história...sem fim...

Penso que um trabalho que se coloque a discutir questões ligadas a este tema deve trazer consigo propostas práticas para que um novo paradigma possa de fato se fortalecer em torno de uma educação mais humanizada, de um ensino que preze pelo respeito e pelo amor entre as pessoas (MATURANA, 2004).

Como a afetividade está vinculada às diversas inteligências, interpessoal, cinestésica, intrapessoal, entre outras (GARDNER, 1995), é imprescindível que se proponham meios de contato direto com as crianças, nas mais diferentes atividades: músicas, artes, rodas de conversas, brincadeiras, entre muitas que pudemos observar nestes oito encontros relatados aqui.

Ao mesmo tempo em que as atividades trabalhavam com essas diversas inteligências, estava implícito em cada gesto a importância e os valores da afetividade. Ao confeccionar os corações, as crianças cultivaram, além dos dotes manuais para a costura, valores de amorosidade e paciência. As habilidades artísticas observadas no desenho do "Monstro que roubou o vermelho" também espelhou medos e, ao final da história, a capacidade de transmutá-los. A agitação observada na classe aos poucos foi sendo trabalhada com as meditações e exercícios de relaxamento, entre outros tantos exemplos que aqui poderiam ser citados.

A empatia e da sensibilidade (ASSMAN, 2000) são realmente importantes para o desenvolvimento de competências sociais para viver em uma sociedade. Para que elas aconteçam, é essencial o desenvolvimento de valores como ajuda e solidariedade. Estas são características importantes que as crianças devem desenvolver tanto em ambientes da sala de aula, da rotina escolar e atividades propostas pela professora, quanto nos demais espaços da escola. Por isso a conduta ética do professor precisa ser constante e vigilante. Os valores trabalhados em cada uma das atividades precisaram ser por nós mantidos em cada ato que ocorria em sala de aula. Certamente, em algum momento, elementos trazidos pelos alunos nos deixaram desconcertados (como no dia que a aluna começou a chorar quando os colegas começaram a falar que ela limpava o rosto quando eles a beijavam) em casos como este, o professor deve manter a

serenidade e procurara ser sincero com a situação, buscando maneiras alternativas de trabalhar com o ocorrido.

As boas experiências do projeto geraram muitos frutos. Além da mudança de comportamento das crianças e da maior atenção de uns com os outros, a professora relatou que agora consegue realizar seu trabalho com mais amor, e está mais envolvida com o grupo. No âmbito da escola, também há vários resultados. Os professores e funcionários da escola que em algum momento conheceram as músicas e a dinâmica do projeto começaram a desenvolver as práticas do Educoração em outras turmas também. Além disso, no final do projeto promovemos a participação de outros professores em encontros abertos para que eles pudessem ver e hoje vamos aos encontros do HTPC[20] para ensinar a metodologia do projeto para as outras escolas. Como nos aponta Morin (2000, pág. 55):

> Todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer a espécie humana.

Certamente, o projeto Educoração deixou muitas histórias na cidade de Cerquilho. As experiências vivenciadas na escola durante estes meses de projeto repercutiram de maneira positiva tanto para nós, propositores do projeto, quanto para a escola e para as crianças. Os momentos de empatia e de amorosidade estão registrados não só aqui, mas no coração de cada uma dela... no cultivo da empatia, na firmeza perante os obstáculos, no exercício de ouvir o amigo quando este quiser falar.

Pensando, falando e agindo. Esta é a única forma de conseguirmos um sistema educacional mais adequado à formação humana, uma vez que a afetividade não pode ser conseguida apenas através dos livros. Deve ser cultivada a cada dia, no cuidado com o aluno, na atenção aos seus problemas, na proposição de soluções e nas ações de grupo.

As posturas de ioga, as histórias, as canções e as rodas de conversa sem dúvida são estratégias que auxiliam neste processo e que devem ser utilizadas sistematicamente pelos professores em sala de aula. Porém, para todas elas, é necessário que haja um sentimento muito forte de amor por parte do educador: acreditar naquilo que faz e cultivar sentimentos bons com todos ao seu redor.

---

[20] Horário de Trabalho Pedagógico Curricular.

Figura 16 - Os personagens desta nova História

Esta é uma das inúmeras histórias que podem ser contadas em favor de um cenário escolar mais afetivo, que leve em conta as diferenças e as trabalhe com amor e empatia. A aulas na cidade de Cerquilho continuam, e desta vez a missão está nas mãos de cada profissional envolvido com a educação. O que acontecerá depois de um tempo? Apesar de ninguém saber, todos devem acreditar que ao final de contas, o importante é tentar fazer algo diferente, é tentar, se arriscar, e devemos trabalhar sempre nesse sentido. Como a história do "Monstro que roubou o vermelho", cheia de veredas, mas com um final feliz escondido atrás da busca pela cor. Até encontrá-lo, certamente virão muitos caminhos a serem trilhados, mas isso já é uma outra história...

Referências:

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar.** São Paulo: Ars Poética, 1994.

ASSMAN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAVALLET, Valdo Jose. Educação Formal e treinamento: confundir para doutrinar e dominar. **Diálogo Educacional**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.1-170, jul. 2000.

DEMO, Pedro. **Argumento de Autoridade X Autoridade do Argumento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

DEMO, Pedro. **Ser Professor É Cuidar que o Aluno Aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da Autonomia**: **saberes necessários à prática educativa.** 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas:** A Teoria na Prática. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, J. T. **Metodologia da pesquisa.** São Paulo: Verus, 2001

PRODÓCIMO, Elaine. A educação física escolar e as Inteligências Múltiplas. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 11, n. 105, p.1-1, 20 fev. 2007. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 jul. 2007.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & Inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SARKAR, Prabat Raijan. **Yoga Psychology.** Calcutá: Ananda Marga, 1991.

SCHORE, Allan N.. **Affect Regulation and the Origin of the Self::** The Neurobiology of Emotional Development. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.

TAILLE, Y.L.; DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

WADDINGTON, Paul. Dying for information?: A report on the effects of information overload in the UK an worldwide. **Reuters**, United Kingdom, n. , p.1-10, jan. 1998.

WALLON, Henri**. As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

ANEXOS

ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS

Projeto: "Análise do projeto Educoração como proposta na formação afetiva infantil".

Responsáveis pelo projeto: Profª. Drª. Elaine Prodócimo e discente Janir Coutinho Batista Faculdade de Educação Física – UNICAMP, telefone Comitê de Ética: 19- 3521 8936.

Eu, Janir Coutinho Batista, aluno de graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, estado de São Paulo, sob a orientação da Prof. Dra. Elaine Prodócimo, com o objetivo de analisar a implementação do projeto "Educoração", e, com isso, contribuir com a prática dos professores e para a melhoria no relacionamento com os alunos, em um estudo intitulado "Analise do projeto Educoração como proposta na formação afetiva infantil", pretendo realizar um trabalho de observações e entrevistas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lazara Augusta Cárdia Sabatini , na qual seu filho estuda.

As observações serão realizadas somente dentro da escola, em momentos de aula e também livres como recreio, entradas e saídas. Não existirá risco previsível aos participantes. Serão apenas observações das intervenções dos professores neste projeto bem como a resposta da criança ao mesmo. Para facilitar as observações poderá ser utilizada uma máquina filmadora. As imagens serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e fins acadêmicos (trabalhos, palestras), e as crianças não serão identificadas.

Será sempre respeitado o anonimato dos participantes e o seu poder de decidir se querem participar ou não. Caso não queiram, não haverá nenhuma forma de pressão ou punição para com o aluno ou professor. Os participantes também estarão livres para interromper sua participação em qualquer momento do trabalho. A pesquisa não trará nenhum custo ou vantagem financeira aos participantes.

Estarei à disposição dos interessados para sanar qualquer tipo de dúvida com relação ao trabalho realizado. Ao final da pesquisa, prestarei esclarecimentos à escola e aos que se interessarem, apresentarei os resultados do que foi vivenciado na escola durante esse período.

Ao assinar este termo, os interessados concordarão com os métodos e objetivos da pesquisa, aceitando participar e colaborar com o estudo.

Janir Coutinho Batista, email: janirbatista@hotmail.com
Comitê de Ética em Pesquisa / Faculdade de Ciências Médicas / Universidade Estadual de Campinas – email: cep@fcm.unicamp.br Telefone: (19) 3521 8936

Cerquilho, _____ de_____de_____.
Nome da criança: _____
Nome do pai ou responsável: _____
RG: _____
Assinatura do pai ou responsável:_____

ANEXO B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os funcionários da escola.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E DIRETOR)

Projeto: "Análise do projeto Educoração como proposta na formação afetiva infantil".

Responsáveis pelo projeto: Profª. Drª. Elaine Prodócimo e aluno Janir Coutinho Batista
Faculdade de educação Física – UNICAMP, Comitê de Ética: 19- 3521 8936.

Eu, Janir Coutinho Batista, aluno de graduação em educação física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Doutora Elaine Prodócimo, com o objetivo de analisar a implementação do projeto "Educoração", e, com isso, contribuir com a prática dos professores e para a melhoria no relacionamento com os alunos, em um estudo denominado "Analise do projeto Educoração como proposta na formação afetiva infantil", pretendo realizar um trabalho de observações e entrevistas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lazara Augusta Cárdia Sabatini.

As observações serão realizadas dentro da escola, no cotidiano da turma, em momentos de aula, recreio, entradas e saídas. Poderá ser utilizada uma máquina filmadora como recurso facilitador.

Paralelamente às observações serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com as professoras envolvidas, funcionários que convivem junto com as crianças no momento de recreios, entrada e saídas e, se necessário, com a diretora. Serão levantados pontos sobre o cotidiano escolar e sobre a influência deste projeto na afetividade infantil. As entrevistas serão gravadas com gravador de voz, também como recurso facilitador.

Será sempre respeitado o anonimato dos participantes e o seu poder de decidir se querem participar ou não. Caso não queiram, não haverá nenhuma forma de pressão ou punição. A pesquisa também não trará ônus ou vantagens financeiras aos participantes.

Estarei à disposição dos interessados para sanar qualquer tipo de dúvida com relação ao trabalho realizado. Ao final da pesquisa, prestarei esclarecimentos à escola e aos que se interessarem, apresentarei os resultados do que foi vivenciado na escola durante esse período.

Ao assinar este termo, os interessados concordarão com os métodos e objetivos da pesquisa, aceitando participar e colaborar com o estudo.

Janir Coutinho Batista, e-mail: janirbatista@hotmail.com
Comitê de Ética em Pesquisa / Faculdade de Ciências Médicas / Universidade Estadual de Campinas – e-mail: cep@fcm.unicamp.br Telefone: (19) 3521 8936

Cerquilho, _____ de_____de_____.
Responsável pela Pesquisa: _____
Nome: _____
RG: _____
Assinatura do Voluntário: _____